
PEDAGOGIA

CINTHYA APARECIDA DA ROCHA

**GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA E EVASÃO
ESCOLAR**



Rio Claro
2009

CINTHYA APARECIDA DA ROCHA

GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA E EVASÃO ESCOLAR

Orientador: PROF^a. DR^a. SILVIA MARINA ANARUMA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Câmpus de Rio Claro, para obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia.

Rio Claro
2009

155.5
R672g Rocha, Cinthya Aparecida da
 Gravidez na adolescência e evasão escolar / Cinthya Aparecida da
 Rocha. - Rio Claro : [s.n.], 2009
 101 f. : il., gráfs., tabs.

Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura - Pedagogia) -
Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro
Orientador: Silvia Marina Anaruma

1. Adolescência. 3. Gravidez na adolescência. 4. Evasão escolar. I.
Título.

Ficha Catalográfica elaborada pela STATI - Biblioteca da UNESP
Campus de Rio Claro/SP

Dedicatória

Às adolescentes grávidas, em especial aquelas que por algum motivo abandonaram a escola.

Agradecimentos

À Deus, que me concedeu a vida e a possibilidade de chegar até aqui.

À Prof^a Dr^a Silvia Marina Anaruma, que brilhantemente me orientou neste trabalho, sempre com muita competência, profissionalismo, respeito, dedicação, paciência, e por ter me ensinado os primeiros ‘passos’ da vida acadêmica.

À Pastoral da Criança e Casa da Gestante, por me darem abertura para a realização desta pesquisa. Aos seus integrantes que sempre estiveram disponíveis para o que fosse necessário, e também por serem verdadeiros exemplos de doação e de amor a vida e ao próximo.

Às adolescentes e aos seus responsáveis, que aceitaram e autorizaram a realização das entrevistas.

Ao PROAMA – *Projeto Amamentar*, e a todos os seus integrantes, pois a partir das minhas vivências neste projeto, foi possível focar meu olhar para o tema abordado neste estudo.

Aos meus pais, Sonia e Ademar, que sempre, com muito esforço, colocaram a educação em primeiro lugar na minha vida e de meus irmãos. Por serem a minha base e por acreditarem em mim em todos os momentos, pelo apoio e presença constantes. Sou grata a vocês por tudo o que sou hoje. Meus exemplos de fé, persistência, força e amor incondicional.

Aos meus irmãos, Eric e Giampaolo, que mesmo um pouco distantes torcem por mim e demonstram o seu amor, cada um a sua maneira.

À minha querida tia-avó, Conceição, pelo seu amor, preocupação, carinho e singular dedicação em todos os momentos.

Ao meu namorado Caio, por ter me levado aos diversos locais para realizar as entrevistas, e principalmente pelo auxílio nos recursos da informática, por seu amor, companheirismo e paciência.

Aos meus familiares, em geral, que sempre demonstram carinho e torcem pelo meu sucesso.

Às minhas amigas, grandes companheiras nesses quatro anos de graduação: Ana Paula, Juliana Machado, Lilian, Luciane, Marina Cyrino e Marina Jutkoski. Sem vocês meninas, certamente não seria tão prazeroso a realização deste curso, repleto de alegrias e boas lembranças.

À minha turma - 2006 - em especial aos alunos da Educação Infantil.

Aos professores e funcionários da UNESP – *campus* Rio Claro, que certamente contribuíram na minha formação universitária.

E a todos, que durante esses quatro anos passaram por minha vida e puderam de alguma maneira colaborar para o meu crescimento profissional e pessoal.

Deste modo, concluo este trabalho e esta graduação, com a certeza de que esta é mais uma das conquistas de muitas que ainda virão em minha vida.

Muito obrigada a todos vocês!

Lista de Gráfico

Página

Gráfico 1: Prevalência do número de adolescentes que tiveram filhos na cidade de Rio Claro – SP, no período de 2004 a 2008	20
---	----

Lista de Tabela

Página

Tabela 1: Caracterização dos sujeitos de acordo com a idade, escolaridade, tempo de gravidez, procedência, estado civil e moradia	39
--	----

RESUMO

O estudo aborda a relação entre gravidez na adolescência e evasão escolar. Pesquisas mostram que a gestação precoce pode levar ao abandono escolar pelas adolescentes, por vários motivos, como: sintomas típicos da gravidez, vergonha, preconceito, pressão familiar, escolar, principalmente por parte dos amigos, dentre outros. Com isso, o objetivo geral deste trabalho foi estudar a relação entre evasão escolar e gravidez na adolescência. A pesquisa é do tipo qualitativa e além da revisão da literatura científica, usamos como metodologia para a coleta de dados a entrevista semi-estruturada com cinco adolescentes grávidas, todas evadidas da escola, a fim de saber os reais motivos que levaram as mesmas a abandonarem a escola, bem como a maneira que a escola trabalhou a educação sexual durante o período em que estudavam, os sentimentos e as perspectivas de vida das futuras mães adolescentes. Os resultados indicaram que: a gravidez na adolescência levou ao abandono escolar das adolescentes entrevistadas; nenhuma das adolescentes planejou a gravidez e nem apresentou sentimento positivo ao descobrirem que estavam grávidas. Notou-se a importância dos grupos de amigos na vida das adolescentes; nenhuma adolescente afirmou estar preparada para a função materna; todas as adolescentes com exceção de uma, mostraram ter planos futuros para suas vidas; a escola apareceu como uma fonte de amizade; as causas do abandono escolar estavam sempre relacionadas com a gestação; a maioria das adolescentes mostraram ter o desejo de retornar a escola; a escola pública, de acordo com a ótica da adolescente, não está preparada para recebê-la, pois as que disseram ter educação sexual, afirmaram que tiveram de maneira bastante superficial.

Palavras-chave: adolescência, gravidez na adolescência, evasão escolar.

SUMÁRIO

	Página
1. INTRODUÇÃO	9
2. ADOLESCÊNCIA	11
2.1. Características bio-psico-sociais da adolescência	12
2.2. Adolescência feminina	15
2.3. Gravidez na adolescência	16
3. EVASÃO ESCOLAR	24
3.1. Existe relação entre gravidez na adolescência e evasão escolar?	25
3.2. A Educação Sexual na escola	30
4. METODOLOGIA	36
4.1. Tipo de pesquisa	36
4.2. Caracterização dos locais das entrevistas	36
4.3. Caracterização dos sujeitos.....	38
4.4. Instrumento e Equipamento	39
4.5. Procedimento	40
4.6. Procedimento para Análise dos Dados	41
5. RESULTADOS	43
5.1. Sobre a gravidez e os sentimentos	43
5.2. Sobre a situação escolar	46
6. DISCUSSÃO E CONCLUSÕES	49
7. REFERÊNCIAS	57
8. ANEXOS	65
8.1. Anexo 1: Cópia da Declaração de aceite do Comitê de Ética	66
8.2. Anexo 2: Roteiro da Entrevista Semi-estruturada	67
8.3. Anexo 3: Entrevista – Sujeito 1	69
8.4. Anexo 4: Entrevista – Sujeito 2	75
8.5. Anexo 5: Entrevista – Sujeito 3	84
8.6. Anexo 6: Entrevista – Sujeito 4	89
8.7. Anexo 7: Entrevista – Sujeito 5	94
8.8. Anexo 8: Quadro com dados referentes a gravidez e os sentimentos das adolescentes grávidas entrevistadas	99
8.9. Anexo 9: Quadro com dados referentes a situação escolar das adolescentes grávidas entrevistadas	100

1. INTRODUÇÃO

A gravidez na adolescência é um fator de ordem social que pode gerar problemas para a sociedade, a família, e para o futuro da mulher. Segundo a Organização Mundial da Saúde, adolescente é todo indivíduo que está entre a faixa etária de 10 a 19 anos de idade, e dos 12 anos até os 18 anos de idade, segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).

Para Godinho *et al* (2000) a adolescência é uma fase de transição da infância para a vida adulta, durante a qual as experiências dos jovens mudam acompanhando a puberdade, mas não assumindo completamente o papel, privilégios e responsabilidades da vida adulta.

Ir à escola é um direito que cabe a qualquer adolescente, sendo a adolescência a fase em que o mesmo deve concluir os seus estudos. No entanto, nem sempre isso acontece, tornando-se bastante freqüente a adolescente grávida abandonar seus estudos.

Para Figueiredo (2000), a maternidade afeta negativamente diversos níveis da trajetória desenvolvimental da adolescente, principalmente no que se refere aos domínios educacionais, como abandono escolar ou menor progressão educativa, socioeconômico (pobreza), ocupacional (desemprego), social (monoparentalidade) e psicológico, como depressão, baixa auto-estima e isolamento social. Esta mesma autora afirma que as mães adolescentes, em relação às adolescentes que não são mães, estão particularmente em risco de abandono escolar precoce.

Este problema foi constatado a partir de vivências com várias gestantes adolescentes. Sendo assim, o estudo presente foi focado nesta realidade, a fim de investigar até que ponto a gravidez na adolescência pode ser um fator que venha ocasionar o abandono escolar.

Pensar em gravidez na adolescência significa também levar em conta a maneira como a jovem gestante enfrenta permanecer na escola, dar conta dos estudos e ainda levar adiante uma gravidez. A relação entre gravidez na adolescência e abandono escolar vem sendo apontada por vários autores na literatura, o que reforça a busca e a necessidade de investigação nesta temática.

O objetivo geral desta pesquisa é: estudar a relação entre evasão escolar e gravidez na adolescência. Os objetivos específicos são: conhecer os planos futuros e as perspectivas de vida da adolescente grávida com relação à escola e aos seus estudos; investigar os motivos

que levam a adolescente grávida a abandonar a escola e verificar se a escola pública está preparada para receber a adolescente grávida.

Primeiramente foi realizada uma revisão da literatura científica, e após buscou-se especificar o que é adolescência e as suas características, quem é considerado adolescente, as especificidades da menina adolescente e a gravidez na adolescência.

Em seguida, o tema abordado foi a evasão escolar, onde se discutiu o significado deste assunto, a possível relação da gravidez na adolescência com a evasão escolar, e por fim a educação sexual, sua importância e a maneira como vem sendo trabalhada pela escola nos dias atuais.

Esta pesquisa conta com entrevistas de cinco adolescentes grávidas, na faixa-etária entre 15 a 18 anos, que evadiram a escola no período gestacional, com a finalidade de conhecer melhor a realidade vivenciada por uma gestante adolescente.

2. ADOLESCÊNCIA

A palavra adolescência vem do latim “adolescere” que significa “fazer-se homem/mulher” ou “crescer na maturidade” (Muuss *apud* Kimmel & Weiner *apud* Bueno, 2001).

A adolescência é a fase onde ocorre a transição da infância para a vida adulta. Segundo Godinho *et al* (2000) a adolescência é o período onde ocorrem transformações tanto físicas como fisiológicas, ou seja, crescimento acelerado. Na mulher observa-se o alargamento dos quadris, desenvolvimento mamário, menarca e com isso a capacidade reprodutiva. Há também as transformações psicossociais que são conflitos com o início das relações sexuais, momentos de incerteza, ansiedade, insegurança, isolamento, amadurecimento, questionamentos e preocupações.

O atual registro demográfico disponível na literatura brasileira é de uma pesquisa realizada em 2005. Os números indicam que a população total do Brasil no ano de 2005 era de 184.184.264 pessoas, dentre essas 37.315.319 são adolescentes, sendo 18.906.298 do sexo masculino e 18.409.021 do sexo feminino (BRASIL, Ministério da Saúde *apud* TOLEDO, 2008).

Esslinger e Kovács (2003) afirmam que a adolescência não é só um período de alegrias, mas também um período de muita dor e sofrimento. O jovem muitas vezes se sente inferiorizado, confuso e incompreensível, alternando entre diversos tipos de sentimentos, passando muitas vezes por um estado de alegria para uma tristeza profunda em poucos minutos, sendo este comportamento inconstante algo que é característico desta fase.

No Brasil a adolescência possui diferentes configurações, pois depende da classe social em que o adolescente está inserido. Nas classes mais privilegiadas, a adolescência é entendida como um período de experimentação sem grandes conseqüências emocionais, econômicas e sociais; o adolescente não assume responsabilidades, pois se dedica apenas aos estudos, sendo essa a sua via de acesso ao mundo adulto. Enquanto nas classes mais baixas, que representam aproximadamente 70 milhões de adolescentes com menos de 18 anos, os riscos do experimentar, tentar, viver novas experiências são maiores e não há a possibilidade de se dedicar somente aos estudos, tornando a adolescência simplesmente, um período que

antecederá a constituição da própria família (KAHHALE *et al* PEREIRA *apud* BUENO, 2001).

2.1. Características bio-psico-sociais da adolescência

É no período da adolescência que o ser humano cresce e se desenvolve até a maturidade. Diante disso inúmeras transformações acontecem na vida do adolescente, que vivencia mudanças tanto no seu corpo, como dificuldade para interagir no ambiente social, conflitos e angústia mental.

Para Pinheiro (1996) são muitas e profundas as mudanças fisiológicas e estruturais que ocorrem no corpo das meninas e meninos adolescentes, porém podemos afirmar não estarem aptos para o exercício da atividade sexual.

Com relação aos meninos, e as características sexuais primárias e secundárias, as gônadas masculinas ou testículos, até a idade de catorze anos, aproximadamente, representam cerca de dez por cento do seu tamanho normal no adulto. Durante um ano ou dois, então, ocorre um crescimento rápido, que logo depois começa a decrescer até que pelos vinte ou vinte e um anos de idade os testículos atingem seu desenvolvimento pleno.

Com relação às meninas, temos a constatação muito válida e útil para o objeto do nosso estudo, que o seu aparelho reprodutor vai-se desenvolvendo ao longo da puberdade, mas não bruscamente. A exemplo, o útero de uma garota de onze ou doze anos de idade pesa, em média, quarenta e três gramas.

Os demais órgãos - trompas, ovários, vaginas - crescem rapidamente. A ação dos hormônios é determinante para essas mudanças do organismo. (PINHEIRO, 1996, p. 25).

Toledo (2008) afirma que na mulher há o hormônio da maturação folicular, que estimula o crescimento e maturação dos folículos de Graaf do ovário. Outro hormônio feminino é o hormônio da luteinização, que estimula o desenvolvimento do corpo lúteo, produzindo o progesterona e estimulando as alterações da mucosa uterina e placenta. Os hormônios que se originam da hipófise masculina, agem de maneira idêntica sobre os testículos.

Outro dado que merece ser lembrado na adolescência é a excessiva timidez, ou acanhamento natural, resultante do fato de que o adolescente teme que os outros vão notar as mudanças porque está passando. Existe uma falta de coordenação motora resultante do rápido crescimento de certas áreas do corpo que torna o adolescente desajeitado e tímido e receoso

de dar má impressão aos que o cercam. Esses problemas serão esclarecidos e solucionados com a definição da identidade do indivíduo, que normalmente ocorre na adolescência (PINHEIRO, 1996).

O crescimento acelerado em altura é uma das primeiras transformações no corpo do adolescente, e é uma das mais visíveis. Isso acontece mais precocemente nas meninas (por volta dos onze – doze anos de idade) do que nos meninos (em torno dos doze – quatorze anos), porém, de forma mais brusca nos rapazes: a musculatura se desenvolve, os ossos crescem, os ombros se alargam, o nariz aumenta, o queixo se alonga. Na jovem, o quadril se amplia, os seios crescem, a primeira menstruação acontece. Concomitantemente, ambos adquirem a posse da função reprodutora e o amadurecimento da função sexual se efetiva ao longo da adolescência (BECKER; DÉR & FERRARI *apud* TOLEDO, 2008).

Segundo Pinheiro (1996) a adolescência possui ainda um período crítico de definição e da formação da identidade cujas repercussões podem ser de graves conseqüências para o indivíduo e para a sociedade. Adolescência é um conceito psicossocial. Representa uma fase crítica no processo evolutivo que o indivíduo é chamado a fazer importantes ajustamentos de ordem pessoal e de ordem social. Entre estes ajustamentos, temos a luta pela independência financeira e emocional, a escolha de uma vocação e a própria identidade sexual. Ainda para esta mesma autora:

A adolescência é, também, um período em que o indivíduo tem que lutar contra o estereótipo social e contra uma auto-imagem distorcida dele decorrente. A cultura tende a ver o adolescente como um indivíduo desajeitado, irresponsável e inclinado às mais variadas formas de comportamento anti-social.

Por sua vez, o adolescente vai desenvolvendo uma auto-imagem que reflete, de alguma forma, esse estereótipo da sociedade. Essa condição indesejável ordinariamente cria conflitos entre pais e filhos, entre o adolescente e a escola, entre o adolescente e a sociedade em geral (PINHEIRO, 1996, p. 27-28).

O adolescente deseja tornar-se independente do adulto, porém, precisa de sua orientação para as escolhas que deve realizar, essas atitudes de dependência ao adulto são importantes recursos para a construção da personalidade do jovem e exercícios para a conquista da autonomia e formação da personalidade (DER e FERRARI *apud* TOLEDO, 2008).

Para Esslinger e Kovács (2003), a elaboração da identidade continua até o fim da vida, mas na adolescência estão os ensaios mais importantes da tomada de consciência de si, com grandes orgulhos e decepções. É um processo que mistura alegrias e tristezas, sendo assim, é importante que o jovem possa processar esse conhecimento, pois, para se conhecer, esbarra em limites, questiona, desafia, e sem dúvida, corre muitos riscos.

Diante desses dados vê-se que na adolescência a personalidade está em fase de estruturação e, com isso, a sexualidade se insere nesse processo como um elemento estruturador da identidade do adolescente.

É também na adolescência que a identidade sexual está se formando. As mudanças físicas e psicológicas levam o adolescente a uma nova relação com o mundo, ele perde a identidade e o corpo infantil, ao mesmo tempo se inclui no mundo com um novo corpo já maduro e uma imagem corporal formada que muda sua identidade. A grande função da adolescência é a busca da identidade que ocupa grande parte de sua energia, conseqüentemente o jovem fará, também, a busca pelo par ideal (CANO *et al* 2000).

Para Stevens-Simon *apud* Miranda e Bouzas (s/d) ganham força os estudos comportamentais, mencionando a urbanização e a pressão da mídia, a classe econômica e situações de fragilidade emocional como os principais fatores sociais que influenciam o comportamento sexual dos adolescentes, contribuindo para o início prematuro da atividade sexual, principalmente entre aqueles muito jovens.

Ainda para essas mesmas autoras, as transformações culturais ocorridas ao longo dos anos em nossa sociedade contribuem para a assimilação de novos valores e atitudes frente às questões da sexualidade, influenciando diretamente o comportamento dos adolescentes.

O início da atividade sexual, cada vez mais precoce, associada à desinformação e à ausência de suporte psicológico e social, tem contribuído para situações de riscos em uma faixa etária ainda em desenvolvimento. Tais riscos podem ser evidenciados pela maior incidência de gestações em adolescentes, principalmente abaixo dos 15 anos, o que na atualidade tem sido um desafio para os pesquisadores (MIRANDA e BOUZAS, 2005).

São evidentes as diferenças existentes nas transformações da menina e do menino para a vida adulta, principalmente no que se refere à maneira como a sociedade encara essas mudanças e também ao corpo que está em constante processo de modificação. Neste sentido, será descrito a seguir as particularidades e as características da adolescente enquanto menina/mulher, o que é pertinente ao presente trabalho.

2.2. Adolescência feminina

A fase da adolescência na vida de uma menina possui dois grandes momentos, que são: a primeira menstruação e a primeira relação sexual.

Para Menezes e Domingues (2004), na adolescência ocorrem mudanças significativas, em curto período de tempo, muitas vezes desenvolvendo na adolescente um sentimento de estranheza em relação ao próprio corpo.

Com isso, a adolescente passa por várias transformações no seu corpo, que está em constante desenvolvimento:

Os seios começam a crescer e levam um a dois anos para chegar à metade do tamanho que terão na vida adulta. Entre os dez e doze anos a menina cresce rapidamente alcançando até 90% da altura que terá quando adulta. Surge uma penugem em volta dos grandes lábios vaginais e nas axilas. Os quadris se alargam e a cintura afina. A rapidez do desenvolvimento humano, a altura, bem como outras características varia de pessoa para pessoa, e tem mais a ver com a genética do que com a idade, porém, independentemente de qual fase a adolescente está, fica preocupada com o novo corpo, e passa mais tempo em frente ao espelho. Quando a primeira menstruação acontece, marca-se a passagem da infância para a vida adulta (DUARTE *apud* TOLEDO, 2008).

Varella *apud* Dimenstein (2004) afirmam que a idade da primeira menstruação diminuiu progressivamente desde o início do século XX. Em 1990, as moças menstruavam pela primeira vez ao redor dos 17 anos. Hoje, nem bem completaram 11 ou 12 anos e já menstruam. Não se sabe ao certo a razão desse fenômeno biológico; é bem provável que esteja ligado à melhor nutrição das crianças atuais.

Essa irregularidade menstrual tem conseqüências práticas significativas para as adolescentes sexualmente ativas, pois contribui para a difundida suposição entre as meninas de que elas não podem ficar grávidas porque são “jovens demais”. Porém, a gravidez pode ocorrer em qualquer momento depois da primeira menstruação, e a irregularidade menstrual torna pouco confiável qualquer método contraceptivo baseado no ritmo (ROCHE *apud* BEE; ROSABAL *apud* TOLEDO, 2008).

Para Taquette (2005) o comportamento sexual de um indivíduo depende não só da etapa de desenvolvimento em que se encontra, como também do contexto familiar e social em que vive. Atualmente, a sociedade tem fornecido mensagens ambíguas aos jovens, deixando dúvidas em relação à época mais adequada para o início das relações sexuais. Ao mesmo tempo em que a atividade sexual na adolescência já é vista como um fato natural, largamente

divulgado pela mídia, que estimula a aceitação social da gravidez fora do casamento, ainda se vêem a condenação moral e religiosa ao sexo antes do matrimônio e atitudes machistas rejeitando as mulheres não “virgens”. Este contexto dificulta o relacionamento entre as moças, de quem são cobradas atitudes castas, e os rapazes, que têm de provar sua masculinidade precocemente, com o início muitas vezes prematuro da atividade sexual, por pressão social. Taquette (2005) afirma ainda que:

outro aspecto importante é a defasagem existente entre a maturidade biológica, alcançada mais cedo, e a maturidade psicológica e social que cada vez mais tarde se torna completa. Perante este quadro os jovens se encontram perdidos, sem um parâmetro social claro de comportamento sexual e com uma urgência biológica a ser satisfeita em idade precoce.

Na adolescência é freqüente ocorrer épocas de crise, mudança, readaptação ao novo corpo e de novas atitudes frente à vida e incluído a isso pode ocorrer uma gestação na vida da adolescente, é certo que a mesma irá precisar de ajuda para superar essas dificuldades (GODINHO *et al* 2000).

A falta de apoio familiar na adolescência, de programas de saúde e de educação sexual nas escolas, são elementos que podem levar a adolescente iniciar sua vida sexual precocemente com risco de uma gravidez indesejada. E com isso a adolescente que naturalmente no decorrer desta fase da vida se vê diante de crises, conflitos, mudanças bio-psico-sociais, algumas ainda terão que lidar com mais uma mudança em sua vida: uma gravidez inesperada.

2.3. Gravidez na adolescência

A gravidez na adolescência significa passar da situação de filha para mãe numa transição muito rápida, já que o papel de mulher da adolescente ainda está em formação. A gravidez precoce é um processo de busca de identidade, uma crise que se sobrepõe à crise da adolescência e um desafio que precisa de reflexão da sociedade, pois não é um problema exclusivo da adolescente. (ROMERO E COLS *apud* AMAZARRAY *et al apud* TOLEDO, 2008).

Para Miranda e Bouzas (2005) a gravidez é um período fisiológico na vida reprodutiva da mulher, que se caracteriza por modificações físicas, psíquicas e sociais num curto espaço

de tempo. Ao engravidar e se tornar mãe, a mulher vivencia momentos de dúvidas, inseguranças e medos. Já a adolescência constitui um período entre a infância e a idade adulta, com profundas alterações físicas, psíquicas e sociais. Em poucos anos a menina transforma-se em mulher, exigindo com isso uma definição de sua nova identidade, o que gera questionamentos, ansiedades e instabilidade afetiva.

Para Heilborn *et al* (2002) a gravidez na adolescência não constitui um fenômeno novo no cenário brasileiro. Acompanhando uma tendência internacional, ela assume, entre nós, sobretudo nas últimas décadas, o estatuto de problema social, para o qual convergem a atenção dos poderes públicos, de organismos internacionais e da sociedade civil.

Guimarães (2006) afirma que com a liberação da atividade sexual fora do vínculo duradouro, aparentemente as informações sobre a concepção e a contracepção foram tornadas públicas, evidenciadas em demonstrações, material de leitura, oportunidades de discussões, mídia, sobretudo aos jovens. No entanto, para esta mesma autora, hoje se convive com o maior *boom* histórico de gravidez na adolescência, exatamente nos últimos dez anos.

As adolescentes (...) estão virando mães. Como as mulheres indígenas, como nossas bisavós, elas estão engravidando aos treze, catorze anos, (...). Ao contrário da geração de suas mães, poucas pensam em abortar, poucas encaram as perspectivas da maternidade como grande inconveniente na vida (...). (Embora) poucas dessas meninas-mães estejam em condições de enfrentar a vida adulta. Ficam na casa dos pais, cuidando de seus bebês como meninas crescidas que ainda brincam de boneca. (KEHL *apud* GUIMARÃES, 2006, p.15).

A gravidez na adolescência, muitas vezes inesperada, provoca desorganização na vida da adolescente e de sua família, sendo que a adolescente nem sempre está preparada física e emocionalmente para enfrentar a gravidez e cuidar de uma criança (MOTTA *et al* 2004).

Segundo Godinho *et al* (2000) o adolescente ainda não possui capacidade para racionalizar as conseqüências futuras principalmente decorrentes de seu comportamento sexual e, a partir disso, a adolescente pode se deparar com situações de risco, como a gravidez não planejada.

Numa perspectiva histórica Miranda e Bouzas (2005) afirmam que até os anos 40, não se discutia sexualidade na adolescência. Naquela época, casava-se mais cedo e as mulheres engravidavam bem jovens. Não se admitia que a mulher, adolescente ou não, tivesse relações sexuais antes do casamento. Isto era encarado como uma prática imoral e, portanto, proibida, e esta atitude persistiu até o final da década de 50.

Ainda para essas mesmas autoras, no início dos anos 60, a atitude moralista começa a ceder espaço para a abordagem “científica” e a gravidez na adolescência apresenta-se como um problema médico. Até os anos 70 houve uma tendência de classificar o resultado da gravidez na adolescência como desfavorável: maior índice de complicações obstétricas, partos prematuros, cesarianas e mortes maternas e perinatais, justificando assim a implantação de serviços especializados no atendimento à adolescente gestante, considerada de alto risco.

No início dos anos 80, é introduzido um novo conceito: o risco da gestação na adolescência está associado muito mais aos efeitos da primiparidade, do baixo nível sócio-econômico e principalmente da falta de assistência pré-natal adequada, do que à idade materna em si. Em outras palavras, a gestação na adolescência não é necessariamente de alto risco, desde que haja assistência pré-natal de boa qualidade. A partir disso, o discurso passa a ser predominantemente psicossocial: a gravidez nesta fase é inoportuna, está associada ao fracasso escolar e limita de forma dramática as oportunidades futuras da gestante. A gravidez constitui uma situação de risco não apenas para a adolescente, mas também para a família e a sociedade, sendo altamente recomendável o investimento em programas de prevenção (MIRANDA e BOUZAS, 2005).

Alguns fatores podem favorecer a ocorrência de uma gravidez indesejada, como: ausência de educação sexual nas escolas e de programas de planejamento familiar nos serviços públicos de saúde (GODINHO *et al* 2000).

Para Toledo (2008) não há somente um motivo para uma adolescente engravidar. Inúmeras são as possibilidades, como por exemplo, engravidar por falta de informação, por desconhecimento de métodos contraceptivos, carência afetiva, ou por um próprio desejo inconsciente, ou até consciente de engravidar. Outras vezes, a adolescente engravida para ter algo somente seu, ou caem na ilusão de que engravidando podem consolidar o relacionamento com o parceiro.

Em outros casos a adolescente engravida achando que assim poderá ter mais autonomia libertando-se do ambiente familiar em que vivem, pois sendo a adolescência a fase entre a infância e a vida adulta, a adolescente quando vivencia a gestação nessa fase de seu desenvolvimento, a maternidade torna-se um caminho para a condição de se tornar uma pessoa adulta.

Para muitas adolescentes abandonar a escola e assumir tarefas de casa tem sido características marcantes da adolescência. Enquanto que para outras, receber a chave de casa, viajar sozinha, passar no vestibular e começar a trabalhar são momentos que definem ser adulta.

Segundo Frota (2004) para a maioria das pessoas, a atividade sexual tem início na adolescência e apesar do grande progresso social, científico e cultural das últimas décadas, a temática sexo/sexualidade ainda é de difícil discussão entre os adolescentes e seus pais. Concomitante ao progresso houve uma diminuição da idade da menarca, o que vem estimulando os adolescentes ao início da atividade sexual precocemente o que conseqüentemente acarreta em um aumento da gravidez nessa faixa etária.

A gravidez na adolescência se agravou nos últimos tempos devido ao início mais precoce da fase fértil das mulheres, pois enquanto as taxas gerais de fecundidade nas décadas de 70 e 80 caíram no país inteiro, o número de adolescentes de 15 a 19 anos grávidas aumentou 26%. (VARELLA *apud* DIMENSTEIN, 2004).

Em geral, adolescentes de famílias disfuncionais, pobres, de pouca instrução e cujas mães tiveram precocemente seu primeiro filho, correm um risco maior de engravidar. Famílias com história de violência, abuso de drogas, e doença crônica de um dos pais podem predispor as adolescentes a uma relação sexual prematura. As meninas que possuem baixa auto-estima, baixo rendimento escolar e falta de aspirações profissionais também constituem um grupo de risco (NEISTEIN e COLS, ROMERO e COLS, *apud* AMAZARRAY; DUARTE *apud* TOLEDO, 2008).

No Brasil, o índice de adolescentes grávidas é de 21,8%, segundo dados do Ministério da Saúde referente ao ano de 2005. Segundo Dimenstein (2005) no Norte e no Nordeste é onde nasce o maior percentual de bebês de mães com idades entre 10 e 14 anos. Em números absolutos, o Nordeste é a região mais fértil: são mais de 10.200 bebês que nascem a cada ano de mães meninas. E os números não mudam muito de um ano para outro (BRASIL, Ministério da Saúde, 2006).

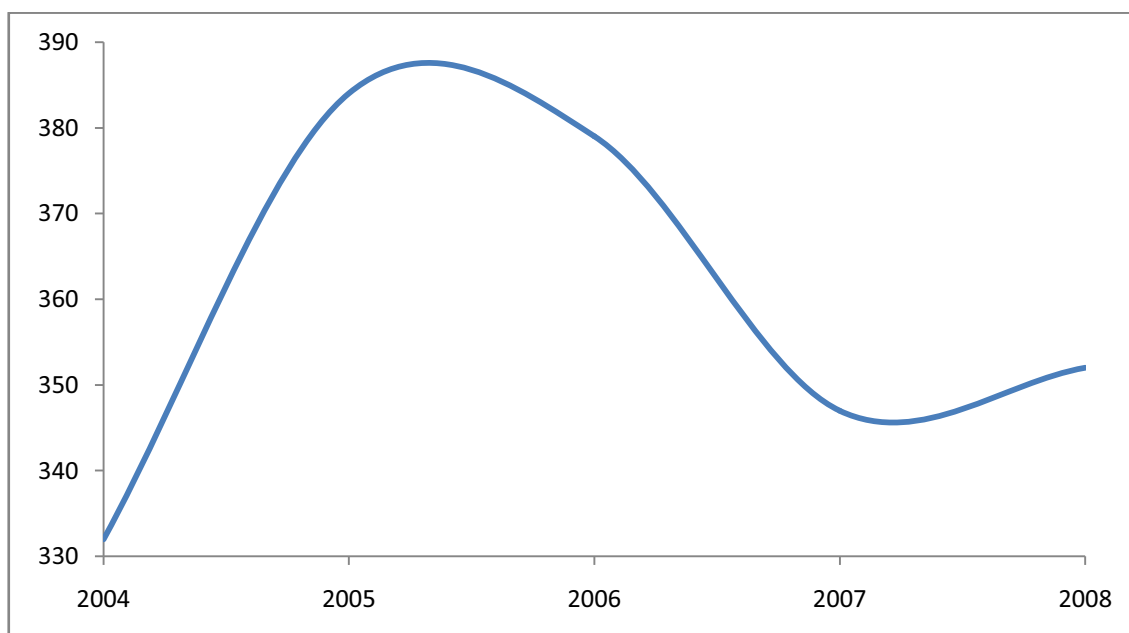
Em contrapartida, os índices mostraram que no ano de 2007, o Estado de São Paulo teve o menor número de adolescentes grávidas dos últimos dez anos. A gravidez na adolescência caiu 32% neste estado, foi o que apontou o balanço realizado pela Secretaria de Estado da Saúde. Em 2007 foram 36.554 menores de 20 anos de idade grávidas, contra 100.632 em 2006. Comparando com o ano de 1998 quando houve 148.018 casos, a redução chega a 34,7%, ou seja, o total de casos não chegou a 100 mil. (BRASIL, Secretaria de Saúde do Estado de São Paulo, 2008).

A diminuição no índice de adolescentes grávidas no Estado de São Paulo tem uma explicação. Desde 1996 a Secretaria adotou um modelo de atendimento integral à adolescente, que contempla o aspecto físico, psicológico e social, e que começou a mostrar resultados dois anos depois. Além de informação e orientação, o trabalho busca identificar as emoções,

medos e dúvidas dos adolescentes sobre afetividade, relacionamentos e sexo seguro. Rotineiramente a Secretaria investe em capacitação, organizando palestras e cursos a profissionais médicos que cuidam de adolescentes por todo o Estado.

Na cidade de Rio Claro – cidade em que foi realizada esta pesquisa – interior do Estado de São Paulo - como demonstra o Gráfico 1 - foram registrados no ano de 2004, 332 casos de adolescentes (menores de 20 anos) que tiveram filhos, do total de 1.917 mulheres que pariram neste mesmo ano (17,3%). Já em 2005, o número de adolescentes que tiveram filhos subiu para 384 casos, do total de 2.272 mulheres que tiveram filhos (16,9%). Em 2006, o número de adolescentes que pariram caiu para 379, do total de 2.222 partos realizados neste mesmo ano (17,1%). Em 2007, o índice de adolescentes que tiveram filhos continuou caindo, neste ano o número de casos foi de 347, do total de 2.046 mulheres que pariram (17,0%). Por fim, no ano de 2008, o número de adolescentes que tiveram filhos voltou a subir somando 352 casos do total de 2.302 partos realizados neste ano (15,3%) (SISTEMA DE INFORMAÇÃO DE NASCIDOS VIVOS – SINASC / SINASC NET – BASE MUNICIPAL DE RIO CLARO, 2009).

Gráfico 1: Prevalência do número de adolescentes que tiveram filhos na cidade de Rio Claro – SP, no período de 2004 a 2008.



De acordo com artigo publicado no Jornal do Brasil (2009), um estudo da Organização das Nações Unidas (ONU) e da Organização Internacional do Trabalho (OIT) publicado, recentemente, em Genebra, na Suíça, alerta para o número de adolescentes que já são mães.

Na América Latina, 25% delas já engravidaram pelo menos uma vez. Isso mostra que, enquanto em outros países existe uma queda acentuada do índice de maternidade na faixa etária até os 20 anos, na América Central e na América do Sul, os índices evoluem ao contrário, ficando atrás somente dos países africanos. A pesquisa da ONU (s/d) chama a atenção para a significativa relação entre gestações prematuras e pobreza dos parceiros envolvidos, que inclui, ainda, graves problemas de saúde.

Ainda associada à gravidez na adolescência, a adolescente se depara ainda com mais problema: as mudanças corporais decorrentes da gravidez. Menezes e Domingues (2004) afirmam que diante de uma sociedade que valoriza o corpo esbelto, a imagem da gestante não se justapõe à imagem da adolescente valorizada pelos meios de comunicação.

O conflito entre a auto-imagem e o corpo idealizado pode ser acentuado quando se considera que, durante a gravidez, as transformações corporais ocorrem em um curto espaço de tempo, exigindo da gestante um processo de adaptação, o que certamente interfere na sua imagem corporal. (MENEZES e DOMINGUES, 2004, p. 187).

Para essas mesmas autoras, o peso é uma das mudanças corporais que aparece nas gestantes em geral, principalmente nas adolescentes. O peso gestacional é o reflexo de uma série de mudanças corporais, tais como: o aumento do seio, o crescimento do bebê, o aumento de líquidos e de gordura.

Na gravidez precoce também existe maior risco do bebê nascer com baixo peso e prematuro, além de uma maior probabilidade de morte materna.

De acordo com Varella *apud* Dimenstein (2004), muitos especialistas em saúde pública calculam que os índices de mortalidade infantil poderiam diminuir significativamente se houvesse prevenção da gravidez na adolescência, no Brasil. Grande parte das crianças assim nascidas, são filhas de homens que não assumem os deveres inerentes à paternidade. Impunes à lei, simplesmente abandonam os filhos aos cuidados da mãe despreparada, com a conivência silenciosa da sociedade machista e discriminatória em relação às mulheres.

Ficar grávida ainda criança é uma das conseqüências mais perversas da incompetência de nosso sistema educacional. A menina pobre, sem instrução, que começa a vida com um bebê no colo, dificilmente conseguirá mudar seu destino de miséria e ignorância (VARELLA *apud* DIMENSTEIN, 2004).

Também para Motta (2004) muitas vezes a gestação na adolescência implica maus resultados. Papalia e Olds *apud* Motta (2004) afirmam que “grande parte das mães são pobres e com baixo nível de instrução, não se alimentam bem e recebem assistência pré-natal

inadequada (...) e seus bebês correm o risco de serem pequenos”. Para os mesmos autores, as adolescentes grávidas e solteiras, sem o apoio da família ou do companheiro, a probabilidade de transtornos emocionais causados por sentimentos conflitantes é maior.

Segundo Mariotoni e Filho (2000) o baixo peso ao nascer é mais prevalente entre adolescentes e motivo de preocupação pela tendência crescente de gestantes nesta faixa etária, podendo contribuir para aumentar o número de recém-nascidos de maior risco de morbidade e mortalidade.

A preocupação com as gestantes adolescentes tem levado vários serviços de saúde a destinar atendimento especial a estas durante o período pré-natal. É recomendado que a gestante adolescente se matricule precocemente para o acompanhamento médico pré-natal, o que permitirá uma vigilância sobre os riscos para hipertensão ou outras anormalidades, ser assegurada uma nutrição adequada e desenvolver acompanhamento necessário. Assim, objetiva-se diminuir as situações desfavoráveis que possam influenciar a gravidez na adolescência. (MARIOTONI e FILHO, 2000, p. 14).

As adolescentes grávidas necessitam de atenção especializada e com isso vem sendo criados programas de assistência pré-natal, os quais buscam, através de uma equipe multidisciplinar implementar uma assistência pré-natal integral e incrementar a auto-estima da adolescente, com o objetivo de diminuir a ansiedade da gestante, porém, muitas adolescentes não tem acesso a esses programas, ainda escassos no país (GODINHO *et al* 2000).

Existem alguns fatores de proteção que devem ser levados em conta para que possam ser diminuídos os índices de gravidez na adolescência, como o uso de métodos contraceptivos e os programas educacionais em saúde, principalmente nas escolas, que pode também intervir com aulas de educação sexual.

Contudo, a jovem grávida merece mais atenção, tanto do ponto de vista biológico como psicológico e social. É de suma importância que a adolescente receba apoio de sua família, sobretudo dos pais e do pai do bebê, porém, sabe-se que na maioria das vezes, não é essa realidade que as adolescentes grávidas vivenciam.

Os serviços de saúde também devem oferecer atenção especial às gestantes adolescentes:

A gravidez na adolescência deve ser compreendida, pela equipe de saúde, no conjunto de seus aspectos socioeconômicos e psicossociais. A prática de uma orientação mais abrangente durante a gestação só será possível a partir da valorização da interação entre o universo vivenciado pela gestante

adolescente e a adequada percepção sobre as mudanças que ocorrem em seu corpo (MENEZES e DOMINGUES, 2004, p. 193).

É nesse sentido que os serviços de saúde precisam ficar atentos ao atender uma gestante adolescente visto os inúmeros fatores que a gravidez na adolescência pode acarretar na vida de uma jovem grávida. É necessário também que a gestante adolescente tome os mesmos cuidados de uma grávida adulta, como por exemplo, conduzir uma gestação segura e um pré-natal bem orientado.

3. EVASÃO ESCOLAR

A evasão escolar é considerada como o abandono da escola antes do fim do ano letivo por alunos que tenham sido matriculados numa dada série. Fukui *et al apud* Bruns (1987), afirmam que existe também a abstenção parcial, que é quando o aluno não voltou a matricular-se depois de alguma escolaridade e abstenção total que é aquele sujeito que em idade escolar nunca freqüentou a escola.

Para Queiroz (2002) a evasão escolar está dentre os temas que historicamente faz parte dos debates e reflexões no âmbito da educação pública brasileira e que infelizmente, ainda ocupa até os dias atuais, espaço de relevância no cenário das políticas públicas e da educação em particular. Com isso, as discussões acerca da evasão escolar, em parte, têm tomado como ponto central de debate o papel tanto da família, quanto da escola em relação à vida escolar do aluno.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), (1996), determina a responsabilidade da família e do Estado no dever de orientar a criança e o adolescente em seu percurso sócio-educacional:

Art. 2º. A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Ainda para Queiroz (2002) o que se observa é que, a educação não tem sido plena no que se refere ao alcance de todos os cidadãos, assim como no que se refere à conclusão de todos os níveis de escolaridade. Em seu lugar, o que se vê é que cada vez mais a evasão escolar vem adquirindo espaço nas discussões e reflexões realizadas pelo Estado e pela sociedade civil, em particular, pelas organizações e movimentos relacionados à educação no âmbito da pesquisa científica e das políticas públicas.

Vários estudos têm apontado aspectos sociais considerados como determinantes da evasão escolar, dentre eles, a desestruturação familiar, as políticas de governo, o desemprego, a desnutrição, a escola e a própria criança, sem que, com isto, eximam a responsabilidade da escola no processo de exclusão das crianças do sistema educacional (QUEIROZ, 2002, p. 1).

Segundo Becker (2003), em nosso país, de cada grupo de cem crianças matriculadas nos dois primeiros anos escolares, sessenta não passam de ano ou deixam a escola, apenas dezessete concluem o primeiro grau e somente uma chega ao segundo grau. Para este autor, com o crescente processo de urbanização e o empobrecimento da sociedade, as cidades do Brasil se encheram de crianças e adolescentes que são abandonados por famílias em estado de absoluto desespero.

Bruns (1987) afirma que a escola foi e é tida como agência de ascensão social, em que pese todas as suas deficiências e inadequações, sem ela os sujeitos estão sendo cada vez mais discriminados do mercado de trabalho. Ainda para esta autora, não cabe criticar o papel da escola como reprodutora de uma ideologia de dominação, o que se deve fazer é investir na própria escola:

a ênfase deve ser voltada para a dinâmica interna da instituição escolar, para validar-lhe o papel de agente de transformação social, onde as contradições do sistema social se fazem presentes e se projetam no contexto existencial dos sujeitos (BRUNS, 1987, p. 20).

A evasão escolar não é um problema restrito apenas a algumas unidades escolares, mas é uma questão nacional que vem ocupando relevante papel nas discussões e pesquisas educacionais no cenário brasileiro (QUEIROZ, 2002).

Portanto, pensar em gravidez na adolescência significa também levar em conta a maneira como a jovem gestante enfrenta permanecer na escola, dar conta dos estudos e ainda levar adiante uma gravidez. Sendo assim cabe, neste momento, abordar a possível existência de uma relação entre gravidez na adolescência e evasão escolar.

3.1. Existe relação entre gravidez na adolescência e evasão escolar?

A gravidez na adolescência tem sido descrita como importante obstáculo ao desenvolvimento do indivíduo, “limitando de forma dramática suas oportunidades educacionais, econômicas e sociais” (GRIMES, 1993). Emans *et al* (1990) citam pobreza, depressão e isolamento social como problemas freqüentes entre mães adolescentes. O afastamento da escola está quase sempre entre as repercussões negativas da gravidez na adolescência, assim como a maior dificuldade de ingresso no mercado de trabalho (MOTT, 1985).

Elster *et al* verificaram, em 1983, maior risco de dificuldades cognitivas e comportamentais entre filhos de adolescentes, e recomendaram maior atenção e incentivo ao vínculo afetivo entre a mãe adolescente e seu filho. McAnarney (1986), chama a atenção também para a dificuldade de comunicação verbal entre mães adolescentes e seus filhos no período de nove meses a um ano de idade (MIRANDA e BOUZAS, 2005).

Além dos riscos à saúde da mãe e do bebê decorrentes da falta de maturidade física e psicológica da genitora, a gravidez precoce traz ainda reflexos na vida educacional. Segundo dados do periódico “Crianças e Adolescentes – 1997”, que é um trabalho do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), quase metade das mães adolescentes no Brasil não completou o 1º grau. (SECRETARIA DA COMUNICAÇÃO DE TOCANTINS, 2008).

Segundo a Agência de Notícias dos Direitos da Infância (ANDI), (2004), o número de adolescentes e jovens brasileiras grávidas é 2% maior do que na última década; as meninas de 10 a 20 anos respondem por 25% dos partos feitos no país, segundo o Ministério da Saúde. Esse quadro ajuda a engrossar o índice de evasão escolar no Brasil, principalmente porque não existem programas que visem apoiar jovens grávidas e mães a seguirem nos estudos.

Ainda em divulgação realizada pela Agência de Notícias dos Direitos da Infância (2004), foi citada uma pesquisa do Departamento de Pediatria do Hospital Universitário de Brasília (HUB), que durante quatro anos acompanhou 425 grávidas de 13 a 19 anos do Distrito Federal e do Entorno, mostrou que apenas 37,5% continuaram na escola durante a gravidez. Os motivos que levam 62,5% a deixarem de estudar são mal-estar, vergonha ou desestímulo. Os dados são de 2003.

Cunha (2004), observa que a gravidez precoce também tem reflexos na política sócio-econômica, porque ameaça a qualificação da futura mão-de-obra. Por causa da evasão escolar, as adolescentes perdem a chance de concluir os estudos que, no futuro, podem melhorar a situação financeira delas. Hoje, os adolescentes que não possuem nível médio já encontram mercado de trabalho reduzido.

Dimenstein (s/d) afirma que dados preliminares da UNESCO (2005) mostraram que 25% das meninas entre 15 e 17 anos que deixam a escola o fazem por causa da gravidez, mostrando que a maternidade antecipada já é a principal causa de evasão escolar de meninas nesta faixa etária. Segundo a UNESCO (2005), das meninas de 15 a 17 anos que não estudam, 31% residem no Nordeste. No país, 71% moram no interior e 12% nas periferias.

A gravidez realmente está se tornando um grande problema na educação. Se 25% das meninas de 15 a 17 anos grávidas deixam a escola, isso significa dizer que 254 mil param

anualmente de estudar. E 2%, ou seja, outras 20 mil, abandonam os estudos para casar (ABRAMOVAY *apud* DIMENSTEIN, s/d).

Dados do Ministério da Educação revelam que uma das causas da evasão escolar entre os jovens é a gravidez precoce (DIMENSTEIN, s/d). Ainda para este autor, é simplesmente inacreditável como um problema tão sério, tão disseminado, tenha tão pouca atenção da sociedade, a começar das autoridades. Estima-se que, por ano, cerca de um milhão de mulheres muito jovens já sejam mães, o que as marginaliza do mercado de trabalho por afastá-las da escola.

A Agência de Notícias dos Direitos da Infância (2004) destacou ainda que quando engravidam, muitas adolescentes se sentem pressionadas a sair da escola porque são submetidas a constrangimentos dos diretores, professores, colegas e pais dos colegas. Alguns pais dessas meninas contribuem decisivamente para esse abandono ao preferirem esconder a situação “vexatória” da gravidez de sua filha, aponta a ONG Sempre Viva Organização Feminista (SOF).

Ainda nesta matéria é revelado um estudo realizado no Hospital Universitário de Brasília (HUB), afirmando que do total de jovens gestantes que pararam de estudar, menos de 40% retornaram à escola após o nascimento do bebê. Isso ocorre, de modo geral, porque essas gestantes não contam com serviços públicos, como creches, que poderiam cuidar dos seus filhos no horário das aulas. Além disso, elas assumem a responsabilidade dos afazeres domésticos. Outro fator, que atinge também os garotos, é trocar a escola pelo trabalho para poder sustentar a criança.

De acordo com o site JusBrasil, foi apresentado no primeiro semestre de 2009, na Assembléia Legislativa do Estado de Mato Grosso, um projeto de lei que poderá melhorar as condições de vida de mães com até 18 anos, beneficiando inclusive, os filhos dessas jovens. É o Programa Mãe Adolescente, que pretende reduzir a evasão escolar e, para tanto, propõe que creches e escolas públicas de Mato Grosso ofereçam, obrigatoriamente, vagas tanto para as jovens quanto para seus filhos.

O projeto é de autoria do deputado Nataniel Nazareno (PMDB), que defende que é preciso criar políticas públicas para evitar a gravidez precoce, porém, enquanto o número for crescente, a sociedade deve oferecer às futuras mães o mínimo de proteção e cuidado. O deputado destaca ainda que na maioria dos casos, as mulheres que fazem parte desse quadro deixam a escola porque a instituição não tem estrutura para acolher ela e ao filho. Com isso, as jovens sofrem um corte na formação educacional e ao caminhar para a vida profissional não têm conhecimento suficiente para se engajarem no mercado de trabalho.

Pesquisas apontam que problemas como vômitos, náuseas, vergonha da gravidez precoce ou desestímulo, são as principais causas de desistências, fazendo com que poucas mães voltem à escola após o nascimento do bebê. "A falta de expectativa enfrentada por essas jovens ajuda a fortalecer o círculo da pobreza", avalia Nataniel ao destacar que a aprovação do projeto proporcionará orientações médicas e psicológicas, necessárias. Temas relacionados ao aborto e aos males que ele causa à saúde da mulher, os cuidados com o corpo no período e após a gestação, também serão discutidos com as futuras mães, dentro das escolas. Com a possível aprovação do projeto, o intuito é recuperar a auto-estima e oferecer oportunidade de manter a mãe adolescente na escola.

De acordo com artigo publicado no *Jornal do Brasil* (2009), foi realizado um estudo da Organização das Nações Unidas (ONU) e da Organização Internacional do Trabalho (OIT) onde comprovam que as jovens mães são obrigadas a deixar a escola e permanecerem afastadas do mercado de trabalho por anos, cuidando dos filhos. No Brasil, de acordo com as informações disponíveis, somente entre 2001 e 2003, nasceram cerca de 85 mil bebês de mães com idade entre dez e 14 anos. Outros dois milhões foram gerados por garotas entre 15 e 19 anos. A incidência de gravidez na adolescência é nove vezes maior entre meninas de baixa renda e pouca escolaridade do que entre as mais instruídas e com melhor renda.

Em pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), (2005), em relação as meninas de 10 a 14 anos de idade, a maternidade precoce se apresentava de forma mais concentrada entre as que tinham baixa escolaridade, com destaque para aquela que estavam cursando ou haviam concluído o ensino fundamental, independentemente do nível da renda familiar. Já as adolescentes e jovens com idades entre 15 e 19 anos, em famílias com até 3 salários mínimos de rendimento total, experimentaram também a maternidade com uma escolaridade equivalente ao ensino fundamental. Mas, a partir da classe de mais de 3 salários mínimos de renda familiar, a concentração de mães por primeira vez passa a ser observada entre aquelas com altos níveis de escolaridade.

Observa-se que quanto maior a renda familiar, maior também o nível de escolaridade da adolescente grávida, com idade entre 15 e 19 anos. Portanto, entre as meninas em idade de 10 a 14 anos, a maternidade precoce se concentra entre as de baixa escolaridade, não sendo o nível de renda familiar um fator que merecesse destaque.

Em contrapartida, segundo entrevista concedida por Maria Luiza Heilborn (2006), encontrou-se uma realidade freqüentemente ignorada no debate público acerca da gravidez na adolescência: a de que 40,2% das jovens que engravidaram e tiveram filho já se encontravam

fora da escola. Isso quer dizer que, para tal parcela, não é a gravidez que impede uma maior escolarização:

as trajetórias escolares femininas, embora comparativamente melhores do que as masculinas em um cenário onde a educação é realmente um sério problema nacional, são igualmente descontínuas, com grande defasagem entre idade e série e interrupções que antecedem a ocorrência de gravidez ou nascimento de um filho. Pode-se dizer que a realização de tarefas domésticas pelas meninas inicia-se muito cedo nas camadas populares, sendo parte do processo de socialização para a maternidade. Desse modo, a maternidade se apresenta não apenas como "destino", mas talvez como único projeto possível de reconhecimento social para jovens mulheres cujos eventuais projetos educacionais e profissionais dificilmente poderão se concretizar. Há que se ter em mente sempre o contexto de profunda desigualdade de classe que o país apresenta (HEILBORN, 2006).

Foi constatado também que a paternidade antes dos 20 anos ocorria em proporção ligeiramente superior (47,8%) à maternidade encontrada entre as mulheres, e isso não afeta a situação escolar e de trabalho da ampla maioria dos rapazes, exceto para 19,5% dos jovens pais que pararam temporária ou completamente de estudar no primeiro ano após o nascimento da criança. No caso das mães adolescentes, 27,6% interromperam temporariamente, e 18,4% definitivamente, os estudos no primeiro ano após o nascimento do filho. Os resultados mostram uma relação bem mais complexa entre gravidez na adolescência e evasão escolar (HEILBORN, 2006).

Já em pesquisa realizada por Godinho *et al* (2000), é constatado que a escolaridade das adolescentes entrevistadas era abaixo daquela esperada para a idade. Outro dado ainda revela que a gravidez foi a causa do abandono escolar para 47,4% das adolescentes entrevistadas.

Sendo assim, pode-se constatar que a gravidez na adolescência implica o abandono escolar, como vem sendo mostrado em pesquisas relatadas anteriormente. A grande maioria dos estudos mostrou a relação de uma para com a outra.

Durante a gravidez, as adolescentes abandonam escola e emprego. Quando muito, estudam ou trabalham até o sétimo mês de gravidez (SOF, 1997).

Segundo a Agência de Notícias dos Direitos da Infância (2004), em 1997, a ONG Sempreviva já tinha dados que relacionavam gravidez na adolescência e baixo índice de escolaridade. Conforme a entidade, entre as meninas que tiveram um filho antes dos 20 anos, apenas 23% haviam estudado além da oitava série; esse número cresce para 44% quando se trata de adolescentes que nunca engravidaram. Ou seja, as meninas que se tornam mães terão

menor qualificação e, portanto, menos chances de competir num mercado de trabalho cada vez mais exigente e com menos oferta.

Para Dimenstein (s/d), o melhor método anticoncepcional para as adolescentes é a escola, pois quanto maior a escolaridade, menor a taxa de fecundidade e maior a proteção contra doenças sexualmente transmissíveis.

De acordo com uma pesquisa realizada pela Sociedade Civil Bem-Estar do Brasil (Bemfam), com apoio do Unicef e do Ministério da Saúde, foi constatado relação direta entre escolaridade e gravidez. Cerca de 34% das mulheres entre 15 e 19 anos, com até três anos de escolaridade, já eram mães ou estavam grávidas do primeiro filho. Já com quatro anos de estudo, a fecundidade baixa para 25%; com cinco a oito anos, baixa para 18%. Quando a adolescente estuda num período entre nove a onze anos, a taxa de fecundidade vai para 6% (DIMENSTEIN, s/d).

À medida que a jovem estuda, ela passa a ter mais perspectivas de vida, apostando numa profissão. Também adquire maiores informações sobre concepção e como evitá-la. Tende, portanto, a retardar a gravidez (...) manter a jovem estudando é a receita para reduzir a gravidez e as doenças sexualmente transmissíveis. (DIMENSTEIN, s/d).

É possível notar que a escola possui um papel de grande importância na trajetória de vida do adolescente e mais especificamente da adolescente, visto a maneira como a menina está sujeita a abandonar os estudos decorrente da gravidez precoce. Por isso, no tópico seguinte será abordado a Educação Sexual, o significado e a importância da mesma na instituição escolar.

3.2. A Educação Sexual na escola

As normas e os comportamentos ligados à sexualidade, no contexto histórico, social e cultural, sempre foram norteados por valores e princípios religiosos e, posteriormente, ligados à fertilidade e às relações de convivência que iam sendo estabelecidas pelos grupos sociais (SHIAVO e SILVA *apud* SILVA e NETO, 2006).

As primeiras experiências formais e sistematizadas de Educação Sexual nas escolas aconteceram nos anos 1960, nos estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte, e foram extintas após o início dos governos militares. Em 1978, um documento do então Ministério da Educação e Cultura (MEC) manifestava-se contrariamente à Educação Sexual

no espaço escolar, mas em 1992, a partir de preocupações com o crescente aumento da Aids, foi proposto a implantação de projeto educativo de prevenção à aids nas redes oficiais e privadas de ensino em todos os níveis (SILVA e NETO, 2006).

Com isso, a proposta de inclusão da Educação Sexual nas escolas de todo o país retoma com grande intensidade a partir da publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), cujo caderno sobre “Pluralidade Cultural e Orientação Sexual”, publicado em 1997, apresenta a política do governo federal para a área. Silva e Neto (2006), afirmam que o documento introdutório dos PCNs aponta que *“a proposta (...) para Orientação Sexual é que a escola trate da sexualidade como algo fundamental na vida das pessoas”* (BRASIL apud SILVA e NETO, 2006, p.186).

A intervenção pedagógica deve ser não-diretiva em relação ao comportamento dos alunos, buscando informar e problematizar questões da sexualidade, ressaltando o trabalho a partir das posturas, das crenças, dos tabus e dos valores a ela associados, o que garante o espaço de formação dos educandos e não apenas a veiculação de informações. Prevê que o professor prepare-se para a intervenção prática mediante leituras e discussões e tenha um espaço grupal de supervisão continuada e sistemática que possibilite uma reflexão sobre essa prática e sobre seus próprios valores e limites, o que o ajudará a ampliar sua consciência em relação à sexualidade e à visão de mundo, além de assumir uma postura ética na sua atuação (SILVA e NETO, 2006, p. 186-187).

Convém, neste momento, esclarecer que o termo "orientação sexual", segundo Dinis e Asinelli-Luz (2007) refere-se ao direcionamento do afeto no exercício da sexualidade em relação a outro sujeito. Nesse sentido, não cabe à educação "orientar" a sexualidade, pois a orientação sexual do sujeito é uma construção histórico-cultural, resultado de suas vivências singulares, que devem ser respeitadas pela escola. Sobre as possíveis intervenções da educação na sexualidade, o termo educação sexual é o mais adequado.

Um trabalho de educação sexual significa problematizar a sexualidade, não no sentido de encará-la como problema a ser resolvido, mas de questionar as evidências, apresentar um leque de conhecimentos para que a sexualidade seja compreendida com um aspecto predominantemente histórico-cultural, e para que os discursos normativos que regem as construções de nossas imagens do masculino e do feminino, bem como as diversas imagens de ter prazer com o próprio corpo e/ ou com o corpo do/a outro/a sejam desconstruídos, permitindo novas vivências acerca da sexualidade (DINIS e ASINELLI-LUZ, 2007, p. 6).

Educação sexual não significa apenas passar informações sobre sexo. Significa também transmitir valores sobre anatomia e psicologia da reprodução humana e demais aspectos do comportamento relacionados ao sexo. (BRASIL, Ministério da Saúde, 2009).

É imperativo abordar o tema da sexualidade na escola, afirma Heilborn (2006). O currículo transversal nomeado de orientação sexual é destinado a cobrir essa preocupação. Mas há muito por fazer. É necessária uma capacitação continuada dos professores em relação ao tema para que abordem questões relativas às relações afetivas entre os sexos, permeadas por assimetrias de gênero – e não se restrinjam a descrever o funcionamento dos órgãos genitais. É importante falar de gênero associado à sexualidade para facultar a conversa entre os parceiros, e a responsabilidade masculina, no tema da contracepção (HEILBORN, 2006).

A educação sexual nas escolas, associada a programas de saúde, é uma medida eficaz de prevenção à gravidez precoce. Segundo Oliveira *apud* Agência de Noticias dos Direitos da Infância (2004), afirma que para a educação poder efetivamente contribuir para a redução desse tipo de gravidez é preciso debater, dentro e fora das escolas, temas como sexismo, igualdade de gênero, diversidade étnica, romper o estereótipo de mulher objeto, paternidade, violência sexual e mercado de trabalho para jovens pais.

De acordo com Valente *apud* ANDI (2004), as meninas que estão na escola têm melhor qualidade de vida, auto-estima elevada e um maior controle sobre sua vida sexual e reprodutiva, retardando a gravidez.

Para Bouer, (s/d) citado por ANDI (2004), poderiam ser criadas algumas alternativas para estimular a permanência na escola de meninas grávidas e mães, como, por exemplo, a flexibilização de faltas para as mães adolescentes, classe de recuperação ou aulas de apoio para as adolescentes grávidas, trabalho psicológico com as meninas grávidas e os colegas da sala de aula e apoio de um berçário perto ou dentro da escola.

É possível perceber que a educação sexual é necessária levando em conta os inúmeros problemas que uma gravidez na adolescência pode causar. Mas, não só pela gravidez precoce, e sim também pelo fato da educação sexual abordar questões de gênero, relações pessoais, de identidade, relações afetivas, ou seja, a sexualidade como um todo.

Goldberg *apud* Oliveira (1998) apresenta um caminho para a educação sexual neste país que é pela transformação dos padrões de relacionamento sexual, afirmando que a educação sexual somente contribuirá para essa transformação se:

em primeiro lugar, for uma prática de autonomia entendida como desenvolvimento de atitudes e valores próprios e da consciência de que cada

um pode e deve fazer escolhas pessoais e responder por elas. Em segundo lugar, o processo de cooperação e conflito que essa educação deve propiciar, em vez de ser um exercício de individualismo e cordialidade. E, em terceiro lugar, propiciar a crítica do presente no sentido de produção de alternativas concretas, ou seja, de ação sobre a realidade (...) assim, o momento da educação sexual formal deve ser um momento de instrumentalização para a vida sexual e não apenas discorrer sobre itens de comportamentos preventivos (GOLDBERG *apud* OLIVEIRA, 1998).

Ao considerar esses aspectos, ou pressupostos, para uma educação sexual eficaz, Oliveira (1998) coloca uma questão: “quem deverá realizá-la?”, afinal é preciso considerar a baixa taxa de escolaridade das mulheres no país, e enquanto esse fenômeno não for alterado, segundo esta mesma autora, a escola não parece ser o único espaço que deva ser privilegiado. Segundo essa mesma autora, outros espaços podem ser encontrados na própria comunidade "de risco", ou seja, onde se encontrem as mulheres adolescentes de nível socioeconômico e escolaridade baixos. Essas mulheres podem, elas próprias, constituir o "espaço educacional" alternativo. Outro espaço pode ser também os postos de saúde que poderão contribuir com ações educativas voltadas para adolescentes de ambos os sexos e adolescentes grávidas.

Na escola, trazer a "fala sobre o corpo" para o discurso oficial não a deixando circunscrita apenas nos espaços de pátios, rua, televisão, discoteca etc. Antes, ou talvez, acima de tudo, admitir a existência do corpo do(a) educador(a), portanto de sua sexualidade, de sua identidade sexual, de sua história, de seus valores, de seus estereótipos (...) A educação, seja em que espaço for e que forma tomar, não pode nem deve restringir-se apenas a esta ou àquela parcela da população. Todos envolvidos na problemática da gravidez na adolescência devem também ser envolvidos na sua solução (OLIVEIRA, 1998)

Segundo Braga (s/d) citado por um artigo do Jornal de Brasília (2009) a educação sexual deve ser obrigatória em todas as escolas, porém, com muito cuidado, para o tema não se tornar apenas um discurso conteudista, como ocorre em outras matérias, por isso, a escola deve tratar a sexualidade contextualizada com a realidade do aluno.

É válido lembrar que a educação sexual faz parte dos Parâmetros Curriculares Nacionais, que orientam o trabalho nas escolas desde 1997. Porém, o texto não fala de obrigatoriedade de uma matéria específica sobre o tema, mas sim sugere que faça parte do projeto pedagógico das instituições de ensino. Segundo a Assessoria de Imprensa da Secretaria de Educação, o tema é abordado na parte diversificada do currículo, assim como Religião, Tecnologia e Meio Ambiente. Cada escola fica responsável por definir como

será dada a orientação sexual aos alunos (BRAGA *apud* JORNAL DE BRASÍLIA, 2009).

Para Dinis e Ansinelli-Luz (2007), como o tema da sexualidade tornou-se obrigatório nos Parâmetros Curriculares Nacionais do Brasil, deve, portanto, ser tratado como um tema transversal, ou seja, a sexualidade não é mais um tema exclusivo das aulas de Biologia, podendo ser trabalhada em todas as disciplinas do currículo por uma visão culturalista, o que implica discutir todos os aspectos da sexualidade exigindo que este tema seja discutido nos cursos de formação docente, com a finalidade de preparar o/a educador/a para resistir a discursos normativos sobre corpo, gênero e sexualidade.

Ainda para Brasil *apud* Dinis e Ansinelli-Luz (2007):

entender a sexualidade de uma perspectiva histórico-cultural, como fator de aprendizagem e interação social, significa superar os limites impostos pela educação escolar. A possibilidade de vivenciar a diversidade das relações afetivas e sociais provocada pela educação sexual contribui para a compreensão e uma experimentação de novas possibilidades do exercício da alteridade em contextos mais amplos que os familiares, e é dessa forma que "o indivíduo se humaniza quando a cultura impregna a biologia, e um novo ser, assim redefinido, se eleva como pessoa".

Portanto, é possível perceber a importância da educação sexual na escola, e é por isso que há a necessidade de sensibilizar gestores e professores, em todos os níveis de ensino, para que ela aconteça. Silva e Neto (2006) colocam ainda que somente treinamentos e palestras não são suficientes para garantir o objetivo que se quer alcançar: profissionais sensíveis ao tema e dispostos a essa abordagem de maneira sistemática, afinal, as experiências mostram que a maioria das dúvidas e das inseguranças só aparecem na ação, o que remete à necessidade de supervisão continuada e sistemática.

A educação sexual é um assunto que deve ser discutido e trabalhado na escola, visto sua importância e necessidade. Segundo Guimarães (2006), conceituada como multidisciplinar e integradora, enquanto parte dos currículos escolares, a educação sexual tem objetivos gerais e específicos, construídos com amplitude e flexibilidade. Cabe destacar que os conteúdos devem ser construídos conforme as necessidades dos envolvidos devendo ser apresentados de maneira gradual aos diferentes estágios de desenvolvimento dos alunos, entretanto Guimarães (2006, p. 17) afirma ainda que:

todos sabem o quanto se evoluiu no campo da educação sexual (...) Se quisermos pensar naquilo que está por ser feito, podemos afirmar que ainda

está em processo de implantação a educação sexual brasileira, pois se apresenta mais em nível de projetos do que por uma decisão da administração pública nacional (...) em termos de construção e enraizamento dos conhecimentos relativos à educação sexual, ainda estamos abrindo picadas (...) projetos são formas de ensaios (...) para se criticar a realidade, são modos de busca de significados novos (...) são caminhos para desmontar os estereótipos e outras formas acabadas de fazer valer o pensamento, as estruturas e o poder.

Efetivar a educação sexual, no sentido de colocá-la em prática, certamente favorecerá o desenvolvimento de milhões de crianças, adolescentes e jovens que futuramente saberão trabalhar de maneira mais clara suas relações pessoais e afetivas, podendo atingir ao autoconhecimento e também compreender melhor, por exemplo, as questões de gênero e identidade contribuindo para uma sociedade menos preconceituosa, menos violenta e com menores índices de gravidez na adolescência.

4. METODOLOGIA

4.1. Tipo de pesquisa

A metodologia desta pesquisa é do tipo qualitativa, que, segundo Biklen e Bogdan (1999), privilegia a compreensão dos comportamentos a partir da perspectiva dos sujeitos da investigação, recolhendo os dados em função de um contato aprofundado com os indivíduos, nos seus contextos ecológicos naturais.

A pesquisa qualitativa se preocupa em buscar fenômenos, levando em conta o quadro referencial de significados, dentro do qual as pessoas interpretam seu pensar, sentir e agir; ela tem como fonte de dados seu próprio ambiente natural e o pesquisador como seu instrumento principal (LUDKE e ANDRÉ *apud* ANARUMA, 1988).

4.2. Caracterização dos locais das entrevistas

- **Casa da Gestante**

De acordo com o jornal Mocidade Espírita “Dr. Pradinho”, a fundação Casa da Gestante foi fundada em agosto de 1986 e as orientações para elaboração do planejamento das atividades foram dadas por uma instituição congênere da cidade de São Paulo, que possuía cursos voltados para gestantes carentes com excelentes resultados.

A inauguração da Casa da Gestante aconteceu em 1989, na Avenida 20, entre as Ruas 6 e 7 onde funciona até hoje com o nome de “Casa da Gestante Pascholina Pasternarck”.

A condição para frequentar o curso, além de ser gestante, é estar fazendo o pré-natal, comprovado através de um documento fornecido pela unidade básica de saúde ou pelo consultório particular através dos convênios. Durante o ano, são ministrados três cursos, com duração de um pouco mais de três meses cada um, onde as alunas aprendem sobre educação em saúde, noções de higiene, prevenção de doenças, noções de puericultura, aspectos

psicológicos da gravidez, a importância da amamentação, além da valorização da maternidade e o bem estar da família.

São entregues, em média, 120 enxovais anuais emergenciais destinados às gestantes carentes ou mesmo as que não tenham frequentado o curso que são também auxiliadas, e uma média de 60 enxovais para alunas do curso anual.

- **Pastoral da Criança**

De acordo com o site da CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, a Pastoral da Criança é uma organização comunitária, de atuação nacional, que tem seu trabalho baseado na solidariedade e na partilha do saber, para a vida plena das crianças.

O objetivo da Pastoral da Criança é o desenvolvimento integral das crianças, da concepção aos seis anos de idade, promovendo, em função delas, também suas famílias e comunidades, sem distinção de raça, cor, profissão, nacionalidade, sexo, credo religioso ou político.

Os seus líderes visitam mensalmente as famílias acompanhadas, orientando-as sobre o desenvolvimento da criança desde o útero materno, o valor nutritivo dos alimentos e do aleitamento materno, controle da desnutrição, obesidade, doenças respiratórias, diarreia, uso do soro caseiro, prevenção de acidentes domésticos, controle social, entre outras ações, como: Educação de Jovens e Adultos; Brinquedos e Brincadeiras; Controle Social das Políticas Públicas; Geração de Renda e Rede de Comunicadores Populares em Rádio para divulgar ações da Pastoral da Criança em todo o país.

Além das visitas dos líderes, de acordo com o constatado nesta pesquisa, há também os encontros mensais, realizados pelos mesmos, com as famílias acompanhadas, que acontecem nas paróquias, capelas e/ou centros comunitários de cada bairro em que essas famílias pertencem, mais especificamente nos salões destes locais, sendo o principal intuito desses encontros a realização da pesagem das crianças.

Atualmente, mais de 260.000 voluntários acompanham o desenvolvimento de quase 1,8 milhões de crianças de 0 a seis anos e quase 94 mil gestantes em 42 mil comunidades pobres, de 4.066 municípios, em todos os estados do país.

Em relação às gestantes, desenvolvem o acompanhamento do desenvolvimento do bebê a cada trimestre da gravidez, identificando possíveis situações de risco à gestação.

Conscientiza a gestante, preparando-a para o parto e os cuidados pós-parto, informando sobre o aleitamento materno, vacinação e outros cuidados para o desenvolvimento da criança, além de apoio psicológico e conscientização sobre seus direitos e deveres.

O acompanhamento das crianças se dá através de visita periódica durante as quais trabalha-se a conscientização da família sobre seus direitos e deveres, sobre o desenvolvimento infantil, do apoio ao aleitamento materno, de orientações sobre higiene e saúde, vacinação, acompanhamento nutricional, prevenção e tratamento da diarreia e de infecções respiratórias e identifica-se sinais de risco para a saúde.

Ações complementares são desenvolvidas no sentido de melhorar as condições das famílias, como estímulo à alfabetização e escolarização dos adultos e ações de geração de renda. Além disto, busca-se o controle social das políticas públicas, atuando junto aos Conselhos Nacional, Estaduais e Municipais de Saúde, Direitos da Criança e do Adolescente, segurança alimentar, entre outros.

4.3. Caracterização dos sujeitos

As entrevistas foram realizadas com cinco adolescentes grávidas, com idade que variaram entre 15 a 18 anos, onde todas evadiram a escola, sendo este o critério utilizado para a seleção das mesmas.

Antes de iniciar as entrevistas todas as adolescentes receberam e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética da UNESP, *campus* Rio Claro (ANEXO 1).

Tabela 1: Caracterização dos sujeitos de acordo com a idade, escolaridade, tempo de gravidez, procedência, estado civil e moradia

SUJEITO	IDADE	ESCOLARIDADE	TEMPO DA GRAVIDEZ EM MESES	ORDEM DE GRAVIDEZ	PROCEDÊNCIA	ESTADO CIVIL	COM QUEM MORA
1	16	7ª série (completa)	5º mês	1ª	Pastoral da Criança	Relação estável	Cônjuge, pais, irmãos
2	18	8ª série (incompleta)	9º mês	3ª	Pastoral da Criança	Relação estável	Cônjuge, pais, irmãos
3	16	1º ano de Ensino Médio (incompleto)	3º mês	1ª	Casa da Gestante	Solteira (namora)	Outros (amigas)
4	16	1º ano de Ensino Médio (incompleto)	8º mês	1ª	Pastoral da Criança	Relação estável	Cônjuge, pais, irmãos
5	15	1º ano de Ensino Médio (incompleto)	8º mês	1ª	Pastoral da Criança	Solteira	Pais, irmãos

A tabela mostra que entre as adolescentes que participaram da pesquisa, a maioria tem 16 anos de idade (60%); completaram o ensino fundamental (60%); a maioria engravidou pela primeira vez (80%); quanto ao estado civil, mora com o companheiro, ou seja, amasiadas (60%); mora na mesma casa com os cônjuges, pais e irmãos (60%). As entrevistas foram realizadas 80% na Pastoral da Criança, onde 60% das adolescentes já estavam prestes a dar à luz.

4.4. Instrumento e Equipamento

O roteiro de entrevista semi-estruturada (ANEXO 2) foi elaborado a partir das reflexões feitas durante a revisão bibliográfica, sendo assim, foi realizada uma coleta de dados através de entrevistas semi-estruturadas, que, segundo Ludke e André *apud* Anaruma (1988), com este tipo de entrevista o pesquisador tem um esquema básico do qual vai partir, mas não é aplicado rigidamente, permitindo que se façam as necessárias adaptações.

Todas as entrevistas foram registradas em gravador de fita cassete e transcritas (ANEXOS 3, 4, 5, 6 e 7) para serem realizadas as análises de conteúdo das respostas.

4.5. Procedimento

Para a realização das entrevistas, foi tomado como ponto de partida a busca por locais onde fossem ministrados cursos para gestantes, pois com isso haveria uma maior concentração deste tipo de população, com a possibilidade de se encontrar gestantes adolescentes.

No caso de Rio Claro, cidade em que foram realizadas as entrevistas, existem a Casa da Gestante e as paróquias de bairros onde é realizado o trabalho da Pastoral da Criança. Há nestes dois lugares concentração considerável de gestantes, sendo assim, por meio das coordenadoras dos mesmos foi feito um contato prévio, a fim de saber se nos cursos que estavam sendo realizados havia a presença de adolescentes grávidas.

Quando a resposta das coordenadoras era positiva, a pesquisadora do presente estudo, explicava às mesmas sobre a pesquisa, colocando a possibilidade de uma visita para conhecer as gestantes adolescentes e realizar a entrevista, no caso destas darem seus consentimentos.

À medida que as coordenadoras permitiam a visita da pesquisadora, esta se dirigia aos bairros (Pastoral da Criança) e/ou Casa da Gestante, para ter contato com as gestantes adolescentes. A partir disso, era perguntado às adolescentes grávidas se as mesmas estavam freqüentando a escola, pois os critérios para a realização da entrevista eram ser adolescente, grávida e ter evadido a escola no período gestacional. Nas vezes em que as adolescentes grávidas diziam ter evadido a escola era oferecido a elas o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, ou seja, um convite para a participação na presente pesquisa.

Uma vez aprovada pela gestante conceder a entrevista, era então assinado o Termo de Consentimento pela mesma e/ou por seu responsável. As adolescentes menores de idade foram autorizadas pelos pais ou responsáveis.

Assim a entrevista se iniciava em local calmo e silencioso. Realizada a gravação da mesma dava-se o término da entrevista.

4.6. Procedimento para Análise dos Dados

Os dados foram analisados conforme a metodologia utilizada para a Análise de Conteúdo. Esta é uma técnica de pesquisa aplicada com múltiplos propósitos, desde que a investigação tenha como base o conteúdo da comunicação. (ANARUMA, 1988). Segundo esta mesma autora:

Por intermédio da Análise de Conteúdo busca-se inferir aspectos da cultura e mudança, valores, atitudes, sentimentos, etc (...) quando há o interesse de se investigar determinado problema, a partir da própria expressão dos sujeitos, quer sejam em dissertações, depoimentos, entrevistas, redações, diários pessoais, testes projetivos e assim por diante (ANARUMA, 1988, p. 65).

Goldberg e Franco *apud* Anaruma (1988), afirmam que a Análise de Conteúdo “é uma técnica de pesquisa objetivando a descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação”. Ou seja, a análise de conteúdo é uma técnica cujo objetivo é a busca de sentido ou de sentidos de um texto.

De acordo com Anaruma *apud* Franco (1986) os dados são analisados levando-se em conta suas múltiplas facetas, à luz dos fatores sociais, econômicos, psicológicos, etc.

Após ler e reler as entrevistas na íntegra, foram elaboradas as categorias de Análise, categorias estas que refletem os propósitos da pesquisa, devendo respeitar os seguintes critérios: homogeneidade interna, heterogeneidade externa, inclusividade, coerência e plausibilidade (LUDKE e ANDRÉ *apud* ANARUMA, 1988). Para ser realizada a Análise de Conteúdo das entrevistas registradas foi necessário também escolher as Unidades de Análise (ANARUMA, 1988).

Não existe uma norma fixa para a construção de categorias. Guba e Lincoln *apud* Anaruma (1988) sugere que deve-se fazer um exame do material, procurando-se encontrar os aspectos relevantes da comunicação. Os aspectos que aparecem com determinada regularidade é que servirão de base para o primeiro conjunto de categorias. Sendo assim, no presente trabalho foram obtidas as seguintes categorias:

Sobre a gravidez e os sentimentos:

- a) Planejamento da gravidez;
- b) Causa da gravidez;
- c) Sentimentos sobre a gravidez;
- d) Reações das pessoas do convívio;
- e) Mudanças decorrentes da gravidez;
- f) Maturidade para a função materna;
- g) Perspectiva de vida;

Sobre a situação escolar:

- a) Valor atribuído ao estudo/escola;
- b) Sentimento a respeito do abandono escolar;
- c) Causa do abandono escolar;
- d) Expectativa de retorno à escola;
- e) Presença de educação sexual na escola.

Definidas as categorias, os dados foram agrupados resultando em dois grandes quadros com os temas: 1) Gravidez e os sentimentos (ANEXO 8) e 2) Situação escolar (ANEXO 9). Cada categoria remete ao discurso de todos os sujeitos.

5. RESULTADOS

Os resultados da pesquisa foram obtidos através da técnica de Análise de Conteúdo (ANARUMA, 1988), já descritos na Metodologia. Apresentamos a seguir a interpretação dos dados, através das categorias de análise do discurso.

5.1. Sobre a gravidez e os sentimentos

a) Planejamento da gravidez

Nenhum sujeito assumiu o planejamento da gravidez, embora apareça o desejo.

“Ah, eu queria engravidar, eu queria ter filhos...”

Aparece também um total desconhecimento do processo de engravidar.

“Eu não sabia como tinha acontecido”

b) Causa da gravidez

A maioria não se preveniu, por isso, engravidou. O que reforça a falta de um planejamento e de uma orientação com relação aos métodos anticoncepcionais.

“Ai... Eu não me preveni, foi assim (...) geralmente na hora lá se acaba esquecendo de tudo né, daí não usei camisinha e também não tomava remédio”

Chama a atenção o depoimento que associa a gravidez ao uso de bebida alcoólica.

“Ah, sei lá né... Eu tinha bebido na hora que eu engravidei”

c) Sentimento sobre a gravidez

Apareceram mais sentimentos negativos e ambivalentes, mas nenhum positivo.

"Péssima, porque não era esperado. Eu sempre desejei assim... casar, depois ter filho, mas não foi nada disso que aconteceu".

"Ah eu gostei sabe, foi ruim fala pra minha mãe e pro meu pai, eu fiquei com vergonha, foi ele que falou..."

d) Reações das pessoas do convívio

Apareceram reações da família, do pai do bebê, dos amigos e do contexto escolar.

Família - As reações foram diversas, porém, a maioria mostra desaprovação, mas mesmo as mais rígidas, mostraram aprovação depois de determinado tempo.

"Me julgam até hoje. A minha mãe me ajuda, mas assim, no começo não falava muito comigo, não trocava muita idéia (...) foi um baque porque minha família tem a tradição de ter filho só depois do casamento".

"Ela me bateu. Eu apanhei grávida de dois meses, daí ela queria que eu tirasse e eu falei que não... Ela ficou muito brava... Ai depois dos cinco meses ela foi se acostumando (...) o meu pai não mora comigo".

Pai do bebê - A maioria aceitou a gravidez, apenas um pai falou para fazer um aborto.

"Ele ficou feliz e falou: "agora vai dá pra você ir morar comigo".

"Ele pediu pra mim tirar".

Amigos - A palavra 'louca' apareceu em todas as falas quando se referia ao que os amigos (as) haviam dito quando souberam da gravidez.

"Que eu era louca, que eu era doída, que achava que devia tirar, que era muito cedo pra mim engravidar (...) Não tive o apoio, tive apoio só de uma mesmo (...) Ficaram rindo, ficavam "zuando": "será que eu sou o pai, não... acho que você é o pai".

"Ah.. você é louca, você é nova, ficar grávida..."

Contexto escolar - A maioria não comunicou à escola. Ao ficarem sabendo que estavam grávidas, já abandonavam a escola pela vergonha.

"Eu não falei que tava grávida. Eu saí da escola antes da maioria das pessoas fica sabendo".

Quando a escola foi comunicada houve dois tipos de reações: uma de incentivo e outra de crítica.

"Apoiaram normal, só falaram que achavam que eu não devia parar de estudar porque eu tava grávida".

"Eu não tive nem muito contato com a diretora (...) Com a coordenadora também era bem difícil (...) As professoras só falaram que era pra eu criar juízo (...) Os funcionários também não falaram nada".

e) Mudanças decorrentes da gravidez

As mudanças externas se referem às relacionadas à rotina (e foram muitas) e nas amizades em função da gravidez.

"Eu acho que eu me afastei do mundo, eu não tenho mais contato com as minhas amigas, não saio mais... eu fico 24 hrs dentro de casa (...) eu me sinto envergonhada de sair na rua, por ser mãe tão nova assim".

"Tudo... eu parei de estudar né... tudo mudou... as amizades, não saio mais..."

As mudanças internas têm a ver com valores, revelando um crescimento interno.

"Mudou muita coisa... eu acho que eu cresci mais (...) no jeito de vê as pessoas, de conversar com as pessoas".

"Tudo que se refere à responsabilidade".

f) Maturidade para a função materna

Algumas afirmaram não estarem preparadas para a função materna, porém, a maioria ainda está em processo de amadurecimento da idéia, não sabendo lidar integralmente com esse fato. Como a maioria é a primeira gestação aparece certa insegurança.

"Acho que não né... Eu tinha muita coisa ainda pela frente né... Eu tinha que estudar, arrumar um serviço".

"Não tão preparada, mas um pouco. Porque minhas irmãs quando tiveram filho eu que cuidava quando eles eram pequenininhos (...) Acho que falta só um pouquinho mais de tempo para eu me acostumar com a idéia de que eu vou ter um filho e me acostumar com ele também..."

g) Perspectiva de vida

Apenas uma gestante afirmou não ter planos futuros em sua vida, mas a maioria mostrou ter perspectiva e diversos planos, principalmente no que diz respeito a retornar à escola.

"Por enquanto não..."

"Tenho planos pra termina meus estudos, de fazer faculdade que meu pai sempre me esforçou, pretendo casar em janeiro, comprar um apartamento e construir uma família".

"Eu quero voltar a estudar, terminar os estudos..."

5.2. Sobre a situação escolar

a) Valor atribuído ao estudo/escola

A maioria das adolescentes disseram gostar de ir para escola. Apenas uma afirmou não gostar, porém, tinha o desejo de concluir os estudos.

"Não, mas eu queria terminar (...) quando eu ia pra escola eu faltava mais do que ia".

"Eu gostava de ir pra escola porque eu conversava muito com as minhas amigas (...) Só que hoje (...) não penso mais (...) antes de eu engravidar (...) eu adorava ir pra escola".

b) Sentimento a respeito do abandono escolar

Ficou claro que os sujeitos sentem falta da escola e o quanto o abandono pode suspender planos e sonhos. Também ficou evidente que a escola promove a socialização, no que se refere às amizades.

"Muita falta (...) eu perdi minha infância (...) sempre tive o sonho de ser enfermeira e morreu tudo isso (...) eu acho que eu fiquei mais rebelde depois que eu engravidei pela primeira vez".

"Na escola a gente tem vários amigos, as pessoas pra tá podendo conversar (...) depois que eu fiquei grávida e saí da escola parece que os amigos ficam meio distantes".

c) Causa do abandono escolar

A vergonha aparece como principal motivo do abandono escolar para a maioria das adolescentes.

"A pessoa que fica grávida tão cedo, a turma tem muito preconceito, fica falando muito (...) é porque ela não presta, porque ela não é uma pessoa decente (...) eu acho que não enfrentaria mais uma sala de aula por causa disso".

"Eu não tinha mais vontade de estudar, por isso eu parei (...) eu não queria mais ir pra escola, por causa das minhas colegas (...) Eu fiquei com vergonha. Porque pra mim tudo já tinha acabado, não adiantava mais".

Em seguida, o aparecimento dos sintomas da gravidez e os cuidados que ela exige foram considerados fatores de risco para o abandono escolar.

"Por causa das várias internações da gravidez (...) Eu não comia, só vomitava (...) tinha que ser tudo na veia, isso foi até o 4º mês (...) algumas semanas eu tinha que voltar ao hospital outras não (...) depois do 5º mês eu comecei a comer melhor".

"Eu preciso me cuidar mais (...) nesses meses eu vou tá me preparando mais, cuidando mais das coisas que tem que correr atrás, me preocupar mais com ele... agora fica meio difícil...".

d) Expectativa de retorno à escola

Apenas uma adolescente não expressa vontade de voltar a estudar após o nascimento do bebê. Porém, a maioria das adolescentes afirmam que pretendem retornar à escola após o nascimento de seus filhos.

"Não... não tenho. Eu pensei em arrumar um serviço, porque eu tenho bastante cursinho, sabe".

"Tenho... Quando nascer e fizer um ano aí eu vou voltar a estudar, fazer supletivo e terminar tudo".

"Tenho... quando eu fizer 18 anos eu vou fazer o supletivo e eu vou conseguir fazer minha faculdade".

e) Presença de educação sexual na escola

Um dos sujeitos disse com convicção que o tema nunca foi trabalhado na escola, enquanto outro falou que só iria ser comentado sobre este assunto na oitava série. Contudo, a maioria afirmou que a escola falava alguma coisa sobre o assunto, porém, de maneira bastante superficial.

"Nada (...) A escola nunca explicou, nunca passou nada disso, nunca falou nada (...) Eu sempre soube (...) porque minha família sempre comentava (...) os professores nunca falaram, nunca mostraram filme (...) A única coisa que eles comentavam na escola era de drogas (...) sobre gravidez na adolescência, de se prevenir tanto pras mulheres quanto pros meninos também nunca falaram (...) nem aquele ciclo de menstruação".

"Falou alguma coisa na 8ª série (...) A professora de ciências falava de doenças sexualmente transmissíveis e um pouco de prevenção, como usar camisinha".

"Falava que proibido não é, né, ter relacionamento, mas que é pra usar camisinha, por causa das doenças, da gravidez, pra evitar".

6. DISCUSSÃO E CONCLUSÕES

Um dos aspectos importantes que se percebe como complicador quando se trata de gravidez precoce é a ausência do planejamento familiar para a adolescente, como se observou no trabalho, já que nenhuma gravidez foi planejada. Em alguns casos as adolescentes entrevistadas possuem o desejo de ter filhos, mas não tem informação de que naquele momento de suas vidas o melhor a ser feito seria adiar a maternidade – um dos motivos para que o planejamento familiar comece na fase da adolescência.

Segundo o site do Ministério da Saúde (2009):

Planejamento familiar é o direito que toda pessoa tem à informação, à assistência especializada e ao acesso aos recursos que permitam optar livre e conscientemente por ter ou não ter filhos. O número, o espaçamento entre eles e a escolha do método anticoncepcional mais adequado são opções que toda mulher deve ter o direito de escolher de forma livre e por meio da informação, sem discriminação, coerção ou violência.

Segundo dados de 1998, existem 44 milhões de mulheres em idade fértil no Brasil, na faixa etária entre 15 e 49 anos. De acordo com a Pesquisa Nacional de Demografia em Saúde, realizada em 1996, cerca de 50% das mulheres que foram mães entre 1990 e 1995 tiveram uma gravidez não-planejada (BRASIL, MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2009).

O Ministério da Saúde afirma ainda que, em 2009, o país pode comemorar avanços significativos na atenção à saúde da mulher. Para a sociedade, os resultados aparecem nos indicadores epidemiológicos que confirmam que nunca como antes as brasileiras tiveram acesso a médicos, medicamentos e tratamentos de saúde na rede pública. As mulheres passaram a ser vistas de forma integral. A jovem, a adulta, a adolescente, a idosa, a trabalhadora, a dona de casa, cada uma delas passou a contar com uma assistência especializada (BRASIL, MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2009).

São oferecidos à população, gratuitamente, vários métodos anticoncepcionais. O preservativo (masculino ou feminino) é um deles. Em 2008, o Ministério da Saúde distribuiu cerca de um bilhão de preservativos, a maior distribuição feita por um governo no mundo. Os 22 milhões de preservativos dessa etapa foram enviados aos estados e a primeira grade,

disponibilizada antes do carnaval de 2009, foi de 19,5 milhões de preservativos. No mesmo período, também foram distribuídos 428 mil preservativos femininos, que garantiram a oferta da dupla proteção, defendida pela Política Nacional de Planejamento Familiar (BRASIL, MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2009).

Foi observado que na presente pesquisa não houve a prevenção pela maioria das gestantes, com exceção de um sujeito, que afirmou tomar anticoncepcional, porém este falhou.

Com essas informações ficam algumas indagações, como por exemplo, onde está a falha em não se usar os preservativos e/ou métodos anticoncepcionais? Com milhões de preservativos disponibilizados, por que ainda existe inúmeras gravidez não-planejadas? Por que os adolescentes não fazem o uso de métodos contraceptivos?

Um dos fatores que pode explicar a não utilização de métodos anticoncepcionais, em geral, é por existir ainda muitos tabus em torno da sexualidade. Para Jeolás (2003), a vergonha ou o constrangimento de falar sobre sexo está relacionado ao tabu da sexualidade e à dificuldade de abordar o tema. Segundo Rena *apud* Jeolás (2003), há que se considerar as intrincadas relações subjacentes ao discurso sobre sexo/sexualidade e todos os sentimentos que esta prática discursiva pode mobilizar em nossa sociedade. Isso reflete o processo de regulação da sexualidade nas sociedades ocidentais.

Sendo assim, é possível que os adolescentes ainda tenham muitas dúvidas a respeito do tema, podendo ter vergonha em tomar esclarecimentos sobre o assunto e com isso se sentem inibidos em procurar os serviços de saúde para adquirirem os preservativos. É o caso, por exemplo, de uma das adolescentes entrevistadas, que relatou que tinha vergonha de falar para a mãe sobre a sua vontade de começar a tomar anticoncepcional, pois segundo a mesma, a mãe certamente não aprovaria a idéia.

Segundo Arruda (1992) citado por Cano *et al*, os jovens se ressentem da falta de informações sobre sexo, sendo para os mesmos a primeira fonte de informação sobre sexo, os amigos e as revistas (especialmente para os meninos). Ainda para esta autora, as orientações recebidas em casa, não esclarecem nada, uma vez que os jovens só ouvem de seus pais frases como: “sexo só quando casar”; “isto é pecado”; “é feio”.

Ainda de acordo com Cano *et al* (2000), sabe-se que os adultos que cercam o adolescente, pais e professores, têm dificuldade para abordar essa temática no dia-a-dia, não permitindo com isso que os jovens tenham uma fonte segura, principalmente nos dias atuais, para esclarecer suas dúvidas.

A questão da sexualidade mudou tão rapidamente, nas últimas décadas, que deixou os pais meio perdidos. Antigamente as famílias não tinham muitas dúvidas em saber o que era certo ou errado; o que podiam permitir ou não. Hoje vivemos um momento difícil para a construção de um sistema de valores sexuais (SUPLICY *apud* CANO *et al*, 2000, p. 21).

Diante dessa realidade, a sexualidade deve ser um tema de discussão e debate entre pais, educadores e profissionais de saúde, tendo como objetivo encontrar maneiras de informar e orientar os jovens para que protelem ao máximo sua iniciação sexual, tenham responsabilidade, auto-estima e pratiquem sexo com segurança (CANO *et al*, 2000).

Outra causa da gravidez precoce que apareceu nas entrevistas foi o uso de bebida alcoólica. O estado alcoólico levou à adolescente e seu parceiro a não se prevenirem e conseqüentemente a adolescente engravidou. Sendo assim, a literatura trás essa relação:

As tentativas de prevenção devem levar em consideração o conhecimento dos chamados fatores predisponentes ou situações precursoras da gravidez na adolescência, tais como: baixa auto-estima, dificuldade escolar, abuso de álcool e drogas, comunicação familiar escassa, conflitos familiares, pai ausente e ou rejeitador, violência física, psicológica e sexual, rejeição familiar pela atividade sexual e gravidez fora do casamento (YAZLLE, 2006, p. 443).

O uso de bebida alcoólica tem aumentado nesta faixa-etária e uma das conseqüências graves é a gravidez. Dados da Revista Mackenzie (2007) revelaram que o uso do álcool vem sendo cada vez mais recorrente na adolescência, preocupando por suas conseqüências físicas, mentais e sociais. Em novembro de 2006, foram divulgados os resultados do segundo levantamento sobre o uso de drogas psicotrópicas no Brasil, realizado pelo Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas (CEBRID). O Levantamento revela um aumento dos dependentes de álcool no País, de 11,2%, em 2001, para 12,3%, em 2006. Foram focalizadas 107 cidades com mais de 200 mil habitantes e ouvidas 8,5 mil pessoas entre 12 e 65 anos. A pesquisa destaca que é particularmente preocupante o uso precoce do álcool, uma vez que quanto mais cedo se inicia o consumo, tanto maior é o risco de tornar-se dependente.

Ainda segundo o Cebriid, é importante notar que 48,3% dos adolescentes na faixa etária dos 12 aos 17 anos já beberam alguma vez na vida (52,2% rapazes; 44,7% moças). Desses, 14,8% bebem regularmente e 6,7% são dependentes. Para a psicoterapeuta Berenice Carpediane, o adolescente que tem a bebida como a sua principal falta de limites geralmente procura um suporte para entender uma realidade interna desconhecida.

A partir desses dados, vê-se o quanto está sendo preocupante o uso do álcool pelos adolescentes, levando até mesmo à gravidez na adolescência, como em um dos casos desta pesquisa.

Quanto aos sentimentos sobre a gravidez, as adolescentes afirmaram que, quando souberam que estavam grávidas se sentiram péssimas, constrangidas, com dificuldade em contar para os pais, envergonhadas, sentiram que tudo ia acabar e também tiveram dificuldade para aceitar a gestação. Porém, a partir de certo tempo, as adolescentes conseguiram se conformar e se acostumar com a idéia, ficando até “*feliz*”, segundo a fala de uma delas.

Através das entrevistas, foi identificado que a gravidez precoce coloca em cheque a liberdade das adolescentes, sendo citado diversas vezes pelas mesmas que, após terem engravidado tudo mudou, principalmente no que diz respeito à liberdade, que não é a mesma de antes e a responsabilidade que devem adquirir pelo fato de estarem grávidas. Outras adolescentes atribuíram como algo significativo terem parado de estudar, afirmando também que após essa interrupção tudo havia mudado em suas vidas, ou seja, as rotinas não eram mais as mesmas e nem as amizades.

Outro fator que também trouxe mudanças para a vida das adolescentes foi o fato de algumas estarem morando junto com seus companheiros, sendo a gravidez o motivo para tal acontecimento, ou seja, ir morar com o companheiro passa a ser uma porta para o casal adolescente exercer a sua sexualidade, sendo uma saída para o casal ficar junto. Em uma das entrevistas a adolescente relatou que ao contar para seu namorado que estava grávida este ficou muito feliz, pois afirmou que a partir desse acontecimento poderiam morar juntos.

Nesta pesquisa, notou-se que os homens estão aceitando mais a gestação precoce de suas parceiras, pois em apenas um caso das entrevistas o parceiro pediu para que a mesma realizasse um aborto. Embora sejam poucos sujeitos, é bem provável que esteja havendo uma mudança de valores, o que é uma evolução positiva, visto que em tempos atrás a mulher grávida solteira era bastante condenada e sofria muito preconceito, embora este ainda exista, segundo relatos de um dos sujeitos da pesquisa.

Foi possível identificar também que o apoio às adolescentes aparece mais por parte das mulheres. Algumas mães apóiam suas filhas neste momento tão delicado de suas vidas, e em um caso houve apoio também por parte das amigas que tendem a dar bons conselhos.

A escola apareceu como uma fonte de amizade ficando evidente que o rompimento com a mesma trouxe como consequência a diminuição nos números de amigos havendo grande afastamento por parte destes. Além disso, trouxe para as adolescentes da pesquisa uma grande interrupção dos planos de vida, pois de acordo com elas, se não fosse a gravidez,

certamente estariam estudando, ou seja, concluíram os estudos nos prazos previstos, sem necessitar fazer supletivo.

Fica evidente a importância dos grupos de amigos na vida das adolescentes, porém, foi identificado que os amigos condenam mais a gravidez precoce, já a família, o pai do bebê, contexto escolar, ponderam nas reações de desaprovação da gravidez.

Em todas as falas referentes às reações dos amigos apareceu a palavra 'louca', ou seja, a gravidez vista como uma loucura nesta fase da vida. Os amigos tendem para uma reação muitas vezes de deboche, de surpresa e espanto classificada com o termo 'loucura', gerando na adolescente um grande constrangimento e vergonha, favorecendo mais ainda a ocorrência da evasão.

O expressivo número de adolescentes que abandonaram os estudos devido a gravidez, pode ter relação com a vergonha destas meninas mais jovens em se assumirem, de enfrentar os colegas e professores, pois muitas vezes estão sozinhas, então a saída mais fácil acaba sendo o abandono escolar já no início da gravidez (GODINHO *et al*, 2000, p. 28).

Ainda para Yazlle (2006, p. 443):

Existem evidências do abandono escolar, por pressão da família, pelo fato da adolescente sentir vergonha devido à gravidez, e ainda, por achar que "agora não é necessário estudar". Pode haver também rejeição da própria escola, por pressão dos colegas ou seus familiares e até de alguns professores.

Além da vergonha e constrangimento das adolescentes grávidas, os sintomas típicos da gravidez, como, enjoos, vômitos, dores, cansaços também pode levar a adolescente a evadir a escola, assim como foi constatado na presente pesquisa, a partir da entrevista de um dos sujeitos, que diversas vezes foi internada e por isso abandonou a escola.

Em relação a estarem prontas para assumir o papel de mães, nenhuma das adolescentes afirmou estarem preparadas para isso. Ficou evidente que todas possuem muitas dúvidas.

Quanto às perspectivas de vida das adolescentes, estas estavam sempre relacionadas ao desejo de retomar os estudos após o nascimento dos filhos, exceto uma adolescente, que não se acha mais preparada para encarar uma sala de aula, preferindo arrumar um emprego após a criança nascer.

Os estudos mostraram ser algo muito importante para todas as adolescentes, ficando claro para a pesquisadora que as circunstâncias levaram ao abandono e que as adolescentes não evadiram porque quiseram, pois é nítido que cada uma teve o seu motivo, sejam eles a vergonha ou sintomas da gravidez, já discutidos anteriormente.

Quando indagadas sobre o retorno à escola, todas mostraram querer voltar a estudar após o nascimento do bebê, exceto uma adolescente, como já dito anteriormente, que não se vê preparada para estar novamente em uma sala de aula. Porém, de acordo com pesquisa realizada por Upchurch e McCarthy (1990) citados por Yazlle, 39% de adolescentes que abandonaram a escola estavam grávidas, enquanto que entre as não grávidas o abandono foi de 19%. Quanto ao retorno à escola e graduação, 30% de adolescentes que tinham engravidado voltaram e concluíram os estudos; quando não houve gravidez essa cifra correspondeu a 85%.

Segundo Yazlle (2006), considerando que, a gravidez na adolescência pode resultar no abandono escolar e que, o retorno aos estudos se dá em menores proporções, torna-se difícil a profissionalização e o ingresso no grupo de população economicamente ativa, com agravamento das condições de vida de pessoas já em situação econômica desfavorável.

De acordo com o site Agência Brasil, segundo informações do Ministério da Educação, um terço das jovens na faixa etária entre 15 e 17 anos que estão fora da escola já são mães.

As informações do site afirmam que, desde 1999, um projeto do Hospital Universitário de Brasília (HUB) oferece acompanhamento especial às adolescentes que já são mães. A coordenadora do programa, professora Marilúcia Picanço, destaca a vergonha e o cansaço como principais motivos apontados pelas jovens para abandonarem a escola. As jovens que estudavam, um percentual de 30% a 50% abandonaram os estudos. Algumas continuaram a estudar, mas, ao chegar mais perto do nascimento do bebê, pararam de ir à escola, e segundo a pesquisadora, quando são mães, os cuidados com o bebê dificultam seu retorno à sala de aula.

Com relação à presença de educação sexual na escola, chamou atenção o fato de várias adolescentes afirmarem que esta se dava apenas na oitava série. Com isso houve casos em que a adolescente já estava grávida, na sétima e início da oitava série, e ainda não havia sido trabalhado com as mesmas o tema. Não podemos esquecer que, de acordo com os PCNs, perpassando os conteúdos básicos há os temas transversais: Ética, Meio Ambiente e Orientação Sexual, o que permite desenvolver atividades e questionamentos através de todas as disciplinas do ensino fundamental (CAMARGO e RIBEIRO, 1999).

Em recente notícia divulgada pelo Portal do Governo do Estado de São Paulo (2009), os professores de biologia da rede estadual devem no presente semestre (2º semestre de 2009) implantar o Projeto Vale Sonhar nas salas de aula do 1º ano do Ensino Médio em todo o Estado. A iniciativa visa reduzir a gravidez na adolescência. A base deste programa é a educação sexual, sendo todo o conteúdo direcionado em atividades propostas nos cadernos do aluno e do professor e colocados em prática durante jogos e oficinas. Segundo o secretário Paulo Renato Souza "os resultados provaram a efetividade de aliar educação e informação. Neste caso, informação é algo imprescindível. É por meio dela que o adolescente aprende a se prevenir".

O projeto Vale Sonhar é envolvido por três pilares, os quais compõem as oficinas: "Despertar para o sonho", "Nem toda relação sexual engravida" e "Engravidar é uma escolha".

Na primeira oficina, o adolescente identifica o seu projeto de vida e qual o seu sonho para o futuro. Na segunda, o aluno é levado a conhecer seu corpo e aprende como manter relações sexuais sem risco de engravidar. A última etapa de atividades transmite informações sobre métodos contraceptivos.

Este projeto é resultado de uma parceria com o Instituto Kaplan - Centro de Estudos da Sexualidade Humana, que fornece gratuitamente todo o material utilizado. No final do ano, é entregue um questionário aos alunos dos três anos do Ensino Médio, que são utilizados para coletar dados sobre a efetividade da ação. A partir desta pesquisa, as escolas poderão comparar os índices de redução de gravidez na adolescência em relação ao ano anterior.

Um exemplo que comprova o sucesso deste projeto pode ser constatado a partir de dados presentes no site do Projeto Vale Sonhar - das 43 escolas do Estado do Espírito Santo, 36 já realizaram as oficinas repercutindo em 50% de diminuição do número de gravidez com os alunos que foram sensibilizados pelas oficinas no 1º ano, percebidos pela redução do número de gravidez no 2º e 3º ano do ensino médio.

Isso tudo comprova que, se a escola orientar seus alunos, certamente os altos índices de gravidez na adolescência tendem a diminuir.

As adolescentes da presente pesquisa, que disseram ter educação sexual, afirmaram que tiveram de maneira bastante superficial, ou seja, para as mesmas foram bem pouco trabalhadas as questões pertinentes ao tema, exceto uma adolescente que disse com mais detalhes sobre a maneira como a escola trabalhou gravidez na adolescência e métodos de prevenção.

Segundo Cano *et al* (2000), a parceria escola-família-saúde seria uma das alternativas para facilitar a tarefa educativa de pais e professores no que diz respeito a educação sexual.

Ainda para esses autores, é importante que todos conheçam os caminhos trilhados por pais, professores e pela própria sociedade no que se refere à sexualidade, para que, de fato, possam colaborar na formação dos jovens de hoje, onde quer que eles estejam.

Verificou-se ainda que a escola - no nosso caso - pública, de acordo com a ótica da adolescente, não está preparada para recebê-la, pois parece que não espera que aconteça, não consegue acolher, pouco orienta antes que ocorra. Vale ponderar que nesta pesquisa não foram ouvidas as instituições escolares, tendo como base somente o depoimento das adolescentes sobre como a educação sexual vem sendo trabalhada nas escolas em que as mesmas estudaram.

Com esta pesquisa, foi possível perceber como a população estudada precisa de um acompanhamento especial, assim como atenção e amparo. A gravidez inesperada leva a uma sensação de perda da identidade da adolescente, do corpo infantil, dos amigos, do namoro, da escola, etc – como se tivessem perdido o chão.

É preciso ter em mente que, a vergonha e o desamparo das adolescentes grávidas tendem a trazer conseqüências negativas diversas para a vida das mesmas, muitas vezes traumatizantes. Neste sentido, as entrevistas foram marcadas por discursos tensos e emocionados, sendo essa vivência de fundamental importância para a compreensão desta pesquisa.

Sendo assim, fica claro que deveria haver projetos mais específicos para esta população, tentando diminuir a evasão escolar por parte das adolescentes grávidas.

Sabendo das dificuldades desta adolescente para enfrentar toda uma mudança e, em especial, o preconceito, a escola deveria acompanhar a trajetória desta aluna, na tentativa de oferecer o amparo necessário para que ela não se evada. É claro, dentro das suas possibilidades, já que as circunstâncias do abandono escolar são muito mais complexas, envolvendo outros fatores também, como pode ser observado na literatura e na fala destas adolescentes.

7. REFERÊNCIAS

ALCOOLISMO na Adolescência. **Revista Mackenzie**. Ano VI - Nº 39 - Pagº 56 - 59 / 2007. Disponível em: <<http://200.19.92.28/mackenzie/#>>. Acesso em: 14 set. 2009.

ANARUMA, S, M. **A Sexualidade de meninas institucionalizadas: uma realidade em construção**. Dissertação de Mestrado. Unicamp, 1988.

_____. In: BERENSON, B. **Content Analysis in Communication Research**. 2ª ed. N.Y., Hatner Publ. Co., 1971.

_____. In: FRANCO, Maria Laura B. **O “Estudo de Caso” no Falso Conflito que se Estabelece entre Análise Quantitativa e Análise Qualitativa**. S.P. EDUC, 1986, ago, no. 7.

_____. In: GOLDBERG, Maria A. e FRANCO, M. Laura. **Análise de Conteúdo. Notas Metodológicas**. 1980.

_____. In: GUBA, E. G. e LINCOLN, Y. S. *Effective Evaluation*. San Francisco, Ca., Jossey-Bass, 1981. In: LUDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. S.P., E.P.U., 1986. Temas Básicos de Educação e Ensino.

_____. In: LUDKE, Menga; ANDRÉ Marli. E.D.A. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. S.P., E.P.U., 1986. Temas Básicos de Educação e Ensino.

BECKER, Daniel. **O que é adolescência**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

BIKLEN, S. K.; BOGDAN, R. C. **Investigação qualitativa em educação: Uma introdução à teoria e aos métodos**. Tradução de M. J. Alvarez, S. B. Santos e T. M. Baptista. Portugal: Porto Editora, 1999.

BUENO, Gláucia da Motta. **Variáveis de Risco para a Gravidez na Adolescência**. Dissertação de mestrado. Campinas: Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2001. In: Kimmel, D. C. & Weiner, I. B. (1995). *Adolescence: a developmental transition*. J. Willy & Sons. Muuss, R. E. (1996). *Theories of adolescence* (pp. 281 – 311, 362 – 386). New York: Mc Graw – Hill. Disponível em: <<http://www.virtualpsy.org/infantil/gravidez.html>>. Acesso em: 04 ago. 2009.

BRASIL, Secretaria de Saúde do Estado de São Paulo. **São Paulo atinge menor número de adolescentes grávidas em 10 anos.** Disponível em:

<<http://www.saopaulo.sp.gov.br/spnoticias/lenoticia.php?id=96543>> Acesso em: 3 ago. 2009.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Orientações aos Pais.** Disponível em: <http://portal.saude.gov.br/saude/area.cfm?id_area=241> Acesso em: 12 ago. 2009.

_____. **Planejamento Familiar.** Disponível em: <http://portal.saude.gov.br/portal/saude/cidadao/visualizar_texto.cfm?idtxt=285> Acesso em: 2 set. 2009.

_____. **Reportagens Especiais.** Disponível em: <http://portal.saude.gov.br/portal/aplicacoes/reportagensEspeciais/default.cfm?pg=dspDetalhes&id_area=124&CO_NOTICIA=10005> Acesso em: 2 set. 2009.

BRUNS, Maria Alves de Toledo. Evasão Escolar. Campinas: Ed. da Unicamp, 1987. In: FUKUI, L.F.G.; SAMPAIO, E.M.S.; BRIOSCHI, L.R. – **Escolarização e Sociedade: Um estudo de excluídos da escola.** INEP – Centro de Estudos Rurais e Urbanos: São Paulo, 1980.

CAMARGO, A.M.F. de e RIBEIRO, C (org.). **Sexualidade (s) e Infância (s). A Sexualidade como um tema transversal.** SP, Moderna: Campinas. Ed. da Universidade de Campinas, 1999 (Educação em pauta: Temas transversais).

CANO, Maria Aparecida Tedeschi; FERRIANI, Maria das Graças Carvalho; GOMES, Romeu. **Sexualidade na adolescência: um estudo bibliográfico.** Rev.latino-am. enfermagem, Ribeirão Preto, v. 8, n. 2, p. 18-24, abril 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rlae/v8n2/12413.pdf>> Acesso em: 30 ago. 2009.

_____. In: ARRUDA, A. **Sexualidade e informação: recado dos jovens paraibanos.** In: PAIVA, V. (org). Em tempos de AIDS. São Paulo: Sumus, 1992. p. 139-144.

_____. In: SUPLICY, M. **Conversando sobre sexo.** 17. ed. Petrópolis: Edição da Autora, 1991. 407p.

CASA da Gestante. **Mocidade Espírita “Dr. Pradinho”.** Ano III - n.6, Junho, 2009.

COSTA, M.C.O.; PINHO, J.F.C.; MARTINS, S.J. **Aspectos psicossociais e sexuais de gestantes adolescentes em Belém-Pará.** J. Pediatr., v. 71, n. 3, p. 151-7, 1995. Disponível em: <<http://www.jped.com.br/conteudo/95-71-03-151/port.pdf>> Acesso em: 12 mai. 2009.

CUNHA, Rosa. In: Brasil - Ministério da Saúde. **Adolescentes são mães por um dia.** Disponível em <<http://www.sistemas.aids.gov.br/imprensa/Noticias.asp?NOTCod=56791>> Acesso em: 13 ago. 2009.

DADOS da ONU mostram incidência de adolescentes grávidas na América Latina. **Jornal do Brasil online**. Rio de Janeiro, 30 jun. 2009. Disponível em: <<http://www.promenino.org.br/Ferramentas/DireitosdasCriancaseAdolescentes/tabid/77/ConteudoId/22c9be19-8db3-4680-913b-d1be6731a01c/Default.aspx>> Acesso em 12 ago 2009.

DIMENSTEIN, G. **Gravidez tira da escola 25% das adolescentes**. Disponível em: <<http://www.metodista.br/maiscidadania/reportagens/gravidez-tira-da-escola-25-das-adolescentes>> Acesso em: 13 ago. 2009.

_____. **O cidadão de papel**. A infância, a adolescência e os Direitos Humanos no Brasil. 20ª edição, São Paulo: Editora Ática, 2004. In: VARELLA, D. Folha de S. Paulo, 29/7/2000.

_____. **Remédio contra gravidez precoce**. Disponível em: <<http://www.metodista.br/maiscidadania/reportagens/remedio-contra-gravidez-precoce/?searchterm=dimenstein>> Acesso em: 13 ago. 2009.

DINIS, Nilson; ASINELLI-LUZ, Araci. **Educação sexual na perspectiva histórico-cultural**. Educ. ver. N.30 Curitiba, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602007000200006&lng=pt&nrm=iso> Acesso em: 12 ago. 2009.

_____. In: BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Projetos Educacionais Especiais. **Diretrizes para uma política educacional de sexualidade**. Brasília: MEC/Sepespe, 1994. Série Educação Preventiva Integral. v. 1. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602007000200006&lng=pt&nrm=iso> Acesso em: 12 ago. 2009.

ESSLINGER, Ingrid; KOVÁCS, Maria Júlia. **Adolescência: vida ou morte?** 1ª edição, São Paulo: Editora Ática, 2003.

ESTUDANTES do Ensino Médio terão aulas de orientação sexual. **Portal do Governo do Estado de São Paulo**. Disponível em: <<http://www.saopaulo.sp.gov.br/spnoticias/lenoticia.php?id=204666&q=Vale+Sonhar+reduz+gravidez+precoce+com+orienta%C3%A7%C3%A3o+sexual>> Acesso em: 16 set. 2009.

FIGUEIREDO, Bárbara. **Maternidade na adolescência: Conseqüências e trajetórias desenvolvimentais**. Análise Psicológica, Universidade do Minho. Instituto Superior de Serviço Social do Porto, 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/aps/v18n4/v18n4a05.pdf>> Acesso em: 13 mai. 2009.

FUNDAÇÃO Municipal de Saúde. **Sistema de Informação de Nascidos Vivos – SINASC / SINASC NET**. Base Municipal de Rio Claro. Setembro, 2009.

FROTA, Denise Ataíde Linhares; MARCOPITO, Luiz Francisco. **Amamentação entre mães adolescentes e não-adolescentes, Montes Claros, MG**. Rev. Saúde Pública 2004; 38(1):85-92. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102004000100012&lng=pt&nrm=iso> Acesso em: 17 ago. 2009.

GODINHO, R.A.; SCHELP, J.R.B.; PARADA, C.M.G.L.; BERTONCELLO, N.M.F.; **Adolescentes e grávidas: Onde buscam apoio?** Rev. Latino-am. Enfermagem – Ribeirão Preto – v.8 – n.2 – p. 25-32 – abril 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rlae/v8n2/12414.pdf>> Acesso em: 18 jun. 2009.

GRAVIDEZ na adolescência afasta jovens das salas de aula. Agência Brasil. Empresa Brasil de Comunicação. Disponível em: <<http://www.agenciabrasil.gov.br/noticias/2009/03/06/materia.2009-03-06.1966497764/view>> Acesso em: 31 ago. 2009.

GUIMARÃES, Isaura Rocha Figueiredo. Sexualidade e Educação Escolar: Uma Discussão Teórica. In: FIGUEIRÓ, M. N. D.; RIBEIRO, P. R. M. (Org.). **Adolescência em questão: Estudos sobre Sexualidade**. Araraquara: Cultura Acadêmica, 2006.

HEILBORN, Maria Luiza; SALEM, Tania; ROHDEN, Fabíola; BRANDÃO, ELAINE; KNAUTH, Daniela; VÍCTORA, Ceres; AQUINO, Estela; MCCALLUM, Cecília; BOZON, Michel. **Aproximações socioantropológicas sobre a gravidez na adolescência**. Horiz. Antropol. Vol. 8 no. 17 Porto Alegre, June, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832002000100002> Acesso em: 22 jul. 2009.

HEILBORN, Maria Luiza. In: Agência FAPESP – Agência de Notícias da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. **Aprendizado da Sexualidade**. Disponível em: <<http://www.agencia.fapesp.br/materia/6010/entrevistas/aprendizado-da-sexualidade.htm>> Acesso em: 12 ago. 2009.

JEOLÁS, Leila Sollberger; FERRARI, Rosângela Aparecida Pimenta. **Oficinas de prevenção em um serviço de saúde para adolescentes: espaço de reflexão e de conhecimento compartilhado**. Ciênc. Saúde coletiva vol.8 no.2 Rio de Janeiro, 2003. Disponível em: <http://www.scielosp.org/scielo.php?pid=S1413-81232003000200021&script=sci_arttext&tlng> Acesso em: 28 ago. 2009.

_____. In: Rena LCCB 2001. **Sexualidade e adolescência. As oficinas como prática pedagógica.** Autêntica, Belo Horizonte. (Coleção Trajetória).

LEI de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Disponível em: <ftp://ftp.fnde.gov.br/web/siope_web/lei_n9394_20121996.pdf> Acesso em: 16 ago. 2009.

MÃE na Adolescência e na Meia Idade. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.** Disponível em: <http://www.brazil-brasil.com/index2.php?option=com_content&do_pdf=1&id=399> Acesso em: 14 ago. 2009.

MARIOTONI, Gladys Gripp Bicalho; FILHO, Antônio de Azevedo Barros. **A gravidez na adolescência é fator de risco para o baixo peso ao nascer?** (Brasil). Rev. chil. Pediatr. V. 71 n.5 Santiago set. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.cl/scielo.php?pid=S0370-41062000000500016&script=sci_arttext> Acesso em: 8 jul. 2009.

MENEZES, Ida Helena Carvalho Francescantoni; DOMINGUES, Maria Hermínia Marques da Silva. **Principais mudanças corporais percebidas por gestantes adolescentes assistidas em serviços públicos de saúde de Goiânia.** Rev. Nutr. Vol. 17 no.2 Campinas Apr/June 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-52732004000200005&lng=en&nrm=iso&tlng=pt> Acesso em: 03 jul. 2009.

MIRANDA, Ana Tereza Cavalcanti de; BOUZAS, Isabel Cristina da Silva. *Gravidez.* In: **A saúde de adolescentes e jovens: competências e habilidades.** Disponível em: <http://189.28.128.100/portal/arquivos/multimedia/adolescente/textos_comp/tc_18.html> Acesso em: 05 ago. 2009.

_____. In: ELSTER, A B. et al, 1983. **Parental behavior of adolescent mothers.** Pediatrics, 71:494.

_____. In: EMANS, J.U. et al, 1990. Paediatrics and adolescent Gynaecology. **Little, Brown & Co.**

_____. In: GRIMES, D.A, 1993. **Contraceptive services in high-school based clinics: the Baltimore experience.** The Contraception Report IV(2):4.

_____. In: MOTT, F.L. et al, 1985. **Early childbearing and completion of high-school.** Fam Plann Perspect 17: 234.

_____. In: McANARNEY, E.R et al., 1986. **Interactions of adolescent mothers and their 1-year old children.** Pediatrics 78: 585.

_____. In: STEVENS-SIMON,C; MACANAMEY, E.R., 1992. **Adolescent pregnancy: continuing challenges**. In: Behavioral Pediatrics. (Greidanus DE; Wolracih, ML, eds). New York: Springer Veriag.

MOTTA, Maria da Graça Corso; RIBEIRO, Nair Regina Ritter; PEDRO, Eva Neri Rubim; COELHO, Débora Fernandes. **Vivências da mãe adolescente e sua família**. Maringá, v. 26, no. 1, p.249-256, 2004. Disponível em: <<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHealthSci/article/viewPDFInterstitial/1701/1079>> Acesso em: 10 ago. 2009.

_____. PAPALIA, D. E; OLDS, S. W. **Desenvolvimento humano**. 7 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

OLIVEIRA, Maria Waldenez de. **Gravidez na adolescência: Dimensões do problema**. Cad. CEDES v.19 n.45 Campinas Jul. 1998. In: SOF - Sempreviva Organização Feminista. *Boletim Mulher e Saúde*. n^{os} 15 e 16. Maio/agosto 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32621998000200004&lng=pt&nrm=iso> Acesso em: 14 ago. 2009.

OLIVEIRA, Maria Waldenez; VALENTE, Flávio; BOUER, Jairo. **Gravidez e escola: difícil conciliação**. Agência de Notícias dos Direitos da Infância. Disponível em: <http://www.andi.org.br/noticias/templates/boletins/template_cafiada.asp?articleid=5807&zoid=22> Acesso em: 4 ago. 2009.

_____. In: GOLDBERG, M. Amélia. **Educação sexual: Uma proposta, um desafio**. 3ª edição. São Paulo: Cortez, 1984.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **La salud de los jóvenes: un reto y una esperanza**. OMS: Genebra, 1995. 120p.

PASTORAL da Criança. **Conferência Nacional dos Bispos do Brasil**. Disponível em: <http://www.cnbb.org.br/ns/modules/mastop_publish/?tac=290> Acesso em: 17 ago. 2009.

PERFIL das mães brasileiras. **Fundação Getúlio Vargas**. Disponível em: <http://www.fgv.br/cps/CD_Maes/Apresentacao/MAE_texto_FIM_versaocurtaFINAL_link.pdf> Acesso em: 19 jul. 2008.

PERFIL socioeconômico de mães que tiveram o primeiro filho em idades precoce e muito jovens. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/perfil_maes/Maes_jovens_e_maduras.pdf> Acesso em: 10 jul. 2008.

PINHEIRO, Márcia da Silva. **Aspectos Bio-psico-sociais da Criança e do Adolescente**, 1996. Disponível em: <http://www.cedeca.org.br/PDF/biopsicosocial_marcia_pinheiro.pdf> Acesso em: 06 ago. 2009.

PROGRAMA mãe adolescente poderá diminuir a evasão escolar. **JusBrasil Notícias**. 20 jul. 2009 Disponível em: <<http://www.jusbrasil.com.br/noticias/1566103/programa-mae-adolescente-podera-diminuir-a-evasio-escolar>> Acesso em: 11 ago. 2009.

PROJETO Vale Sonhar. **Vale Sonhar – Espírito Santo**. Disponível em: <http://www.kaplan.org.br/valesonhar_exibe.asp?id=49&idtit=15&subtit=Projeto%20no%20Espírito%20Santo> Acesso em: 16 set. 2009.

QUEIROZ, Lucileide Domingos. **Um estudo sobre a evasão escolar: para se pensar na inclusão escolar**. Disponível em: <www.anped.org.br/reunioes/25/lucileidedomingosqueirozt13.rtf> Acesso em: 6 ago. 2009.

SECRETARIA da Comunicação do Estado de Tocantins. **Creche na escola ajuda combater a evasão escolar**. Disponível em: <<http://secom.to.gov.br/noticia.php?id=21307>> Acesso em: 14 ago. 2009.

SILVA, Regina Célia Pinheiro da; NETO, Jorge Megid. **Formação de Professores e Educadores para Abordagem da Educação Sexual na Escola: O que Mostram as Pesquisas**. *Ciência e Educação*, v.12, n.2, p.185-197, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ciedu/v12n2/05.pdf>> Acesso em: 16 ago. 2009.

_____. In: BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Parâmetros Curriculares Nacionais** (3º e 4º ciclos): introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília, 1998.

_____. In: SCHIAVO, M. R.; SILVA, M. do C. de A. **Educação Sexual: história, conceitos & metodologia**. In: SILVA, M. do C. de A.; SERAPIÃO, J. J.; JURBERG, P. **Sexologia: interdisciplinaridade nos modelos clínicos, educacionais e na pesquisa**. Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho, 1997. p. 149-189.

TAQUETTE, Stella Regina. **Sexualidade na Adolescência**. In: **A saúde de adolescentes e jovens: competências e habilidades**. Disponível em: <http://189.28.128.100/portal/arquivos/multimedia/adolescente/textos_comp/tc_14.html> Acesso em: 05 ago 2009.

TOLEDO, Jéssica Bárbara Gil de. **O Conhecimento sobre Aleitamento Materno em Adolescentes Grávidas do Casap – Centro de Atenção a Saúde do Adolescente de Piracicaba**. Trabalho de Conclusão de Curso – Licenciatura em Pedagogia – Unesp IB, 2008.

_____. In: AMAZARRAY, Mayte Raya et al. **A experiência de assumir a gestação na adolescência:** um estudo fenomenológico. *Psicol. Reflex. Crit.*, Porto Alegre, v.11, n.3, 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-79721998000300004&script=sci_arttext&tlng=in> Acesso em: 19 ago. 2009.

_____. In: BEE, Helen. **A criança em desenvolvimento.** Trad: Maria Adriana Veríssimo – 9ª edição – Porto Alegre: Artmed, 2003. (Publicação original em inglês, 1975).

_____. BRASIL, Ministério da Saúde. **Indicadores Demográficos.** Disponível em: <<http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/deftohtm.exe.?idb2006/a01.def>> Acesso em: 15 set. 2008.

_____. BRASIL, Ministério da Saúde. **Saúde em números:** Indicadores e Dados básicos para a Saúde. Disponível em: <<http://bvsmis.saude.gov.br/html/pt/indicadores.html>> Acesso em: 10 fev. 2008.

_____. In: DÈR, Leila Christina Simões; FERRARI, Shirley Costa. In: Henri Wallon – **Psicologia e Educação.** Abigail Alvarenga Mahoney e Laurinda Ramalho de Almeida (org.). São Paulo: Loyola, 2000.

_____. In: DUARTE, Albertina. **Gravidez na adolescência:** ai, como eu sofri por te amar. – 3ª ed. – Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 2002.

_____. In: ROSABAL, Maritza. **Gravidez na Adolescência.** Sem data. Disponível em: <<http://www.scribd.com/doc/4250057/Gravidez-na-adolescencia-Maritza-Rosabal>>. Acesso em: 19 ago. 2008.

UM assunto delicado. **Jornal de Brasília.** In: Assessoria de Comunicação – BRAGA, Ezequiel Nogueira. Brasília, 30 jun 2009. Disponível em: <http://www.agenciaaids.com.br/clipping/AIDS_30062009.htm> Acesso em: 10 ago. 2009.

YAZLLE, Marta Edna Holanda Diógenes. **Gravidez na adolescência.** *Rev. Bras. Ginecol. Obstet.* Vol. 28 no.8 Rio de Janeiro Aug. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-72032006000800001&script=sci_arttext&tlng=en> Acesso em: 31 ago. 2009.

_____. In: Upchurch DM, McCarthy J. **The timing of a first birth and high-school completion.** *Am Sociol Rev.* 1990;55(2): 224-34.

8. ANEXOS

ANEXO 1



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Rio Claro



DECISÃO CEP Nº 33/2008

Instituição: UNESP – IB – CRC	Departamento: Educação
Protocolo nº: 5784	Data: 12.09.08
Projeto de Pesquisa: "Gravidez na Adolescência e Evasão Escolar"	

Pesquisa Individual	Pesquisador Responsável:
---------------------	--------------------------

Pesquisa Alunos de Graduação	Pesquisador Responsável: Profa.Dra. Silvia Marina Anaruma
	Orientando(a): Cinthya Aparecida da Rocha

Pesquisa Alunos de Pós-Graduação	Pesquisador Responsável:
	Orientador(a):

Objetivo Acadêmico:	<input checked="" type="checkbox"/> TCC
	<input type="checkbox"/> Mestrado
	<input type="checkbox"/> Doutorado
	<input type="checkbox"/> Outros (especificar)

O Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Biociências da UNESP – Campus de Rio Claro, em sua 32ª reunião Ordinária, realizada em 02/12/2008,	
<input checked="" type="checkbox"/>	Aprovou o Projeto de Pesquisa acima citado, ratificando o parecer emitido pelo relator.
<input type="checkbox"/>	Referendou o Projeto de Pesquisa acima citado, ratificando o parecer emitido pelo relator.
<input type="checkbox"/>	Aprovou retornar ao interessado para atendimento das pendências encontradas (prazo máximo de 60 dias):
<input type="checkbox"/>	Não Aprovou.
<input type="checkbox"/>	Retirou , devido à permanência das pendências.
<input type="checkbox"/>	Aprovou o Projeto de Pesquisa acima citado e o encaminha , com o devido parecer, para apreciação da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa-CONEP/MS, por se tratar de um dos casos previstos no capítulo VIII, item 4.c.

Rio Claro, 03 de dezembro de 2008.

Profa. Dra. Maria Izabel Souza Camargo
Coordenadora do CEP

ANEXO 2

ROTEIRO DA ENTREVISTA

DADOS DA GESTANTE ADOLESCENTE

Data:/...../.....

IDENTIFICAÇÃO DA ADOLESCENTE

1. Iniciais do nome:

2. Data de nascimento:

3. Idade: anos

4. Ordem de gravidez:

5. Naturalidade:

6. Bairro:

7. Cidade:

8. Tempo da gravidez em meses:

9. **Filhos:** Sim () Não ()

Quantidade:

Idade:

10. Estado civil

() casada () mora com companheiro () namora () solteira

11. Com quem mora?

() pais, irmãos () cônjuge e/ou filhos () cônjuge, pais e irmãos () sozinha () outros

12. Escolaridade:

() Ensino Fundamental I (1ª a 4ª série) incompleto – Até série.

() Ensino Fundamental I completo.

() Ensino Fundamental II (5ª a 8ª série) incompleto – Até série.

() Ensino Fundamental II completo.

() Ensino Médio incompleto – Até série.

() Ensino Médio completo.

13. Trabalha fora? () Sim () Não

Desde quando?

SOBRE A GRAVIDEZ E OS SENTIMENTOS

1. Por que você engravidou?
2. Como você se sentiu quando soube que estava grávida?
3. Quais foram as reações das pessoas de sua família?
4. Você recebeu apoio da sua família? E de seu parceiro?
5. O que mudou na sua vida após a gravidez?
6. Você acha que está preparada para ser mãe? Por quê?
7. Que outros planos você tem para sua vida?

SOBRE A SITUAÇÃO ESCOLAR

1. Em que escola você estudou?
2. Até que ano você estudou?
3. Você gosta de estudar?
4. Sente falta da época em que estudava? Por quê?
5. A gravidez influenciou nos seus estudos? De que maneira?
6. Qual foi a reação da escola diante da sua gravidez?
 - _ colegas mulheres
 - _ colegas homens
 - _ professores (as)
 - _ coordenador (a)
 - _ diretor (a)
 - _ funcionários (as)
7. Por que você parou de estudar?
8. Tem intenção de voltar a estudar? Quando?
9. A gravidez atrapalhou os seus estudos?
10. Que tipo de atividade a escola já realizou sobre gravidez na adolescência? (palestras, aulas, filmes, etc.)

ANEXO 3

ENTREVISTA – SUJEITO 1

DADOS DA GESTANTE ADOLESCENTE

Data: 28/04/2009.

IDENTIFICAÇÃO DA ADOLESCENTE

1. Iniciais do nome: A.P.B.
2. Data de nascimento: 21/04/1993.
3. Idade: 16 anos.
4. Ordem de gravidez: 1ª gravidez.
5. Naturalidade: Rio Claro.
6. Bairro: Jardim Maria Cristina.
7. Cidade: Rio Claro.
8. Tempo da gravidez em meses: 5 meses.
9. **Filhos:** Sim () Não (x)
 Quantidade:
 Idade:
10. **Estado civil**
 () casada (x) mora com companheiro () namora () solteira
11. **Com quem mora?**
 () pais, irmãos () cônjuge e/ou filhos (x) cônjuge, pais e irmãos () sozinha () outros
12. **Escolaridade:**
 () Ensino Fundamental I (1ª a 4ª série) incompleto – Até série.
 () Ensino Fundamental I completo.
 (x) Ensino Fundamental II (5ª a 8ª série) incompleto – Até 7ª série.
 () Ensino Fundamental II completo.
 () Ensino Médio incompleto – Até série.
 () Ensino Médio completo.
13. **Trabalha fora?** () Sim (x) Não
 Desde quando?

SOBRE A GRAVIDEZ E OS SENTIMENTOS

Você sabe por que engravidou?

Sujeito 1: *Ah, eu queria engravidar, eu queria ter filhos...*

Como você se sentiu quando soube que estava grávida?

Sujeito 1: *Ah eu gostei sabe, foi ruim fala pra minha mãe e pro meu pai, eu fiquei com vergonha, foi ele que falou...*

Ah, não foi você que falou?

Sujeito 1: *Não... foi ele...*

E o que seus pais falaram?

Sujeito 1: *Ah, agora vão ter que casar né... vai ter que morar junto... aí ele (companheiro) chamou eu, eu fui em casa, arrumei minhas coisas e fui lá pra casa dele.*

E seu pai ficou muito bravo?

Sujeito 1: *Não... ele falou assim: “se um gosta do outro tem que morar junto”.*

E sua mãe falou o quê?

Sujeito 1: *Ela ficou quieta, não falou nada...*

Você é filha única?

Sujeito 1: *Não, tenho 8 irmãos.*

O que as pessoas da sua família falaram?

Sujeito 1: *Ficaram falando as coisas, falaram bastante coisas.*

O que, por exemplo?

Sujeito 1: *Falaram pra minha mãe e meu pai bater em mim, que eu era de menor ainda, por que minha mãe deixava eu namora cedo... meus irmãos ficaram bravos, falaram: você tá louca, é muita nova ainda...*

Você namora há quanto tempo com seu companheiro?

Sujeito 1: *Namorei uns 4, 5 meses..*

Você já tinha namorado antes?

Sujeito 1: *Namorado não, só curtido.*

Ele tem quantos anos?

Sujeito 1: *Ele tem 20.*

Seu namorado falou o que quando você contou para ele que você estava grávida?

Sujeito 1: *(risos) ele ficou feliz e falou: “agora vai dá pra você ir mora comigo”. Mas e agora pra conta pro seus pais? ai eu falei: “agora você tem que falar”, ai ele tomou coragem e falou com eles.*

Ele está trabalhando?

Sujeito 1: *Ele trabalha, só que ele sofreu acidente e quebrou o braço e a perna saindo do serviço.*

A família dele falou o que pra vocês?

Sujeito 1: *Gostou, mas falou que era muito cedo, mas já que tá tem que ir...*

O que você acha que mudou na sua vida depois de ter engravidado? Mudou algo, ou está tudo igual?

Sujeito 1: *Tá diferente né... Tá casada é diferente as coisas, não é mais aquela vida de solteira, que sai, bagunça, é diferente...*

E como você descobriu que estava grávida?

Sujeito 1: *Eu tava como muita ansia. Sabe... eu dormia muito, mas depois eu fiz ele compra o teste, sabe, de farmácia ... e deu que tava... ai ele ficou feliz.*

Você acha que está preparada para ser mãe?

Sujeito 1: *Não sei, assim... nunca fui, mas deve ser bom. Eu queria ser mãe porque eu olho meu sobrinho... Desde nenenzinho que eu olho ele pra mãe dele trabalhar, e eu acho legal... sempre gostei de criança.*

Que outros planos você tem para sua vida?

Sujeito 1: *Ah... eu quero voltar a estudar, terminar os estudos...*

SOBRE A SITUAÇÃO ESCOLAR

Em que escola você estudava?

Sujeito 1: *No Michel Alem.*

Até que ano você estudou?

Sujeito 1: *Até a 7ª série.*

Você gosta de estudar?

Sujeito 1: *Não, mas eu queria terminar...*

E por que você não gosta?

Sujeito 1: *Ah, não sei, eu não gosto de estudar, quando eu ia pra escola eu faltava mais do que ia... Minha mãe sabia que eu ia pra escola, mas só que eu não ia pra escola, eu ia brincar com minhas colegas sabe...*

Você sente falta da época em que estudava?

Sujeito 1: *Ah, eu queria volta a estudar e ter ficado grávida mais pra frente, mas aconteceu...*

A gravidez atrapalhou os seus estudos?

Sujeito 1: *Ah eu acho, eu não estudo estando grávida... Eu não estudo grávida não... Tem muita gente que estuda né, mas eu não. Eu tenho vergonha...*

Por que você decidiu não começar a 8ª série?

Sujeito 1: *Porque eu falei: ah, agora eu to grávida. Eu não queria ir pra escola grávida, pra todo mundo ficar dando risada da minha cara...*

Você acha que iam rir da sua cara?

Sujeito 1: *Ah, eu acho... iam fica falando assim: “ai menina nova... grávida”.*

Mas você não deve ser a primeira menina nova grávida...

Sujeito 1: *Então, mas eu fiquei com vergonha... eu não quis mais ir pra escola.*

Você comunicou a escola que você ficou grávida?

Sujeito 1: *A minha mãe foi falar. Eu não apareci mais.*

Então, você não sabe o que, por exemplo, a diretora falou?

Sujeito 1: *Não... eu nem perguntei.*

Suas colegas ficaram sabendo?

Sujeito 1: *Ficaram...*

E elas falaram o quê?

Sujeito 1: *Ah.. você é louca, você é nova, ficar grávida... aí eu falei: aconteceu né, agora eu vou poder fazer o quê?*

Elas ainda conversam com você?

Sujeito 1: *Conversa por internet.*

E os meninos... Você tem amigos homens?

Sujeito 1: *Amigos homens não.*

Mas, e os meninos que você conhece falaram alguma coisa?

Sujeito 1: *Falou: “nossa você é louca de ficar grávida cedo”.*

Por que você parou de estudar?

Sujeito 1: *Por causa da gravidez.*

Você tem intenção de voltar a estudar?

Sujeito 1: *Tenho... Quando nascer e fizer um ano aí eu vou voltar a estudar, fazer supletivo e terminar tudo.*

Então você vai esperar o bebê fazer um ano?

Sujeito 1: *Ahan (sim), é mais fácil.*

Você vai deixar a criança com quem?

Sujeito 1: *Com minha mãe... aí eu deixo com ela e volto a estudar.*

Quando você estava na escola, falaram alguma vez sobre temas como sexo, gravidez na adolescência?

Sujeito 1: *Não... na 7ª série não, falou que ia começa da 8ª pra frente, sabe...*

Você teve aula de métodos contraceptivos, como a pílula, a camisinha, a professora falava?

Sujeito 1: *Falou que ia comentar sobre isso da 8ª série pra frente, sabe... Eu tava na 7ª.*

Antes disso, nem na 5ª, na 6ª série, ninguém falou nada?

Sujeito 1: *Só ia falar mais pra frente, na série mais alta.*

Você acha que tinham que falar antes?

Sujeito 1: *Ah, eu achava que tinha sim.*

Se tivessem falado antes pra você, por exemplo, sobre a camisinha, você acha que poderia ter evitado sua gravidez?

Sujeito 1: *(risos) da camisinha eu já sabia... Mas do comprimido, assim, eu ficava com vergonha da minha mãe... eu ia fala pra minha mãe? Aí minha mãe ia fala umas coisas... ficava com vergonha.*

ANEXO 4

ENTREVISTA – SUJEITO 2

DADOS DA GESTANTE ADOLESCENTE

Data: 09/05/2009.

IDENTIFICAÇÃO DA ADOLESCENTE

1. Iniciais do nome: C.C.D.
2. Data de nascimento: 13/07/1990.
3. Idade: 18 anos.
4. Ordem de gravidez: 3ª gravidez.
5. Naturalidade: Rio Claro.
6. Bairro: Jardim Conduta.
7. Cidade: Rio Claro.
8. Tempo da gravidez em meses: 9 meses.
9. **Filhos:** Sim () Não (x)
Quantidade:
Idade:
10. **Estado civil**
() casada (x) mora com companheiro () namora () solteira
11. **Com quem mora?**
() pais, irmãos () cônjuge e/ou filhos (x) cônjuge, pais e irmãos () sozinha () outros
12. **Escolaridade:**
() Ensino Fundamental I (1ª a 4ª série) incompleto – Até série.
() Ensino Fundamental I completo.
(x) Ensino Fundamental II (5ª a 8ª série) incompleto – Até 8ª série.
() Ensino Fundamental II completo.
() Ensino Médio incompleto – Até série.
() Ensino Médio completo.
13. **Trabalha fora?** () Sim (x) Não
Desde quando?

Uma breve introdução para poder compreender melhor a entrevista e a história do Sujeito 2:

A primeira gravidez foi aos 15 anos, quando estava no início da 8ª série, em uma escola pública. Esta gravidez foi de gêmeos, porém a partir disto abandonou a escola e nunca mais retornou.

Logo após ter abandonado a escola ela sofreu um aborto espontâneo perdendo o seu casal de gêmeos. A entrevistada disse que isso ocorreu porque seu útero era infantil, impossibilitando que a gestação fosse levada adiante.

Aos 17 anos engravidou novamente, porém sofreu outro aborto. Segundo a entrevistada: *“o segundo aborto foi por causa de nervoso mesmo, o médico fez os exames tudo e falou que eu tava muito nervosa, com a pressão alta e tudo, tava 27 por 8, o médico tava até pensando em convulsão, porque eu tinha problema de convulsão, tinha tudo esse medo, daí eu fiquei internada, um mês tentado segura e a criança com problema dentro de mim, o coração estava muito acelerado, daí quando eu tava fazendo o pré-natal eu tava com problema, e a médica deu um monte de remédio, medicação pra mim toma, só que não teve como mesmo, não conseguia desenvolver dentro de mim”*.

Seis meses depois engravidou pela terceira vez, que no caso é a atual gestação, onde mãe e bebê passam bem. *“Essa deu certo, porque fiz o cursinho todo certinho (da pastoral) e todos os remédios passados eu tomei, eu fui e corri atrás”*

Em relação a essa terceira e atual gestação: *“Eu estava namorando, mas eu estava morando em Araras com o meu namorado, daí quando eu engravidei ele pediu pra mim tira, daí eu catei, virei e falei assim... (pausa) Catei minhas coisas e vim embora pra casa da minha mãe, daí ele veio atrás de mim, tudo... Perguntou se eu tinha tirado e eu falei que não, que o filho dele eu tirei, mas o que tava na barriga era só meu, que se ele quisesse ele não podia nem vim reconhece, mas o meu filho eu não ia tira, daí até hoje eu não sei se ele tá bem ou se não tá, se ele existe ainda, se não existe mais. Daí eu comecei a namora, com o meu atual marido agora, já grávida, tudo... E no começo eu não aceitava porque é chato a gente tá com uma pessoa e grávida de outra, a cabeça fica confusa, e tal... Daí conforme o tempo eu fui acostumando, ele foi mostrando ser uma pessoa boa, e tal e tá até hoje”*.

SOBRE A GRAVIDEZ E OS SENTIMENTOS

Você sabe por que dessa vez você engravidou?

Sujeito 2: *Ai... Eu não me preveni, foi assim... Geralmente na hora lá se acaba esquecendo de tudo né, daí não usei camisinha e também não tomava remédio, só que daí vem aquela história: ai a gente coloca fora, não goza dentro nada... daí foi que aconteceu, não gozo dentro nada e no outro mês já tava grávida, daí foi difícil aceita tudo, porque eu não sabia como tinha acontecido, eu sabia que eu não me preveni, só que não tinha gozado dentro nada, daí eu fiquei... (pausa) como que pode ter acontecido, daí ele também já ficou desconfiando porque não tinha acontecido nada, tinha se “prevenido” certinho, só que eu não tomei remédio, ele não usou camisinha... eu perguntei, mas não tinha na hora, já tava ali naquela folia assim né, acabou acontecendo.*

E como você descobriu que estava grávida?

Sujeito 2: *Porque no primeiro mês não veio e eu achei normal né, por causa do problema que eu já tinha no útero, ai eu falei: é normal né, ai eu comecei a ficar com muito sono, minha mãe já começou a desconfiar, perguntou se tava vindo pra mim e eu falei que não, daí ela falou assim: vou levar você no médico, ai eu falei: não mãe, não precisa, ai ela: mas eu vou levar, daí quando eu fui no médico eu já tava grávida de um mês.*

Como você se sentiu quando soube que estava grávida?

Sujeito 2: *Péssima, porque não era esperado. Eu sempre desejei assim... casar, depois ter filho, mas não foi nada disso que aconteceu, entendeu.*

Quais foram as reações das pessoas de sua família?

Sujeito 2: *Ah... me julgam até hoje. A minha mãe não, ela me ajuda, vai atrás de roupinha, mas assim, no começo não falava muito comigo, não trocava muita idéia.*

Você tem irmãos?

Sujeito 2: *Tenho... cinco irmãos, seis comigo.*

Mais novos ou mais velhos?

Sujeito 2: *Mais novos, eu sou a mais velha. E pra minha família foi assim... foi um baque porque minha família tem a tradição de ter filho só depois do casamento, casar na igreja tudo, e eu sempre fui criada com meus avós, e daí quando minha avó ficou sabendo nem falou comigo.*

E quando você engravidou nas duas vezes anteriores, o que sua mãe falou? Como foi?

Sujeito 2: *Eu sai de casa, porque ela não aceitava né... depois ela aceitou assim sabe, já que aconteceu a gente vai ter que cuidar. Só que sempre quando eu engravidei os pais nunca quis assumir. O dos gêmeos também não quis nem saber, só o pai dele (que no caso ela se refere ao pai do ex-namorado) vinha em casa, dava apoio tudo... mas esse também pediu pra mim tira. Na minha primeira gravidez eu não era nem namorada nada, a gente era amigo, sabe... saia em turma tudo, só que sempre ficava, daí foi que aconteceu, daí quando eu falei, ele olhou pra minha cara, falou que o filho não era dele...*

Então na primeira gravidez, que foi dos gêmeos, sua mãe colocou você pra fora de casa?

Sujeito 2: *É, colocou eu pra fora de casa, e eu fui morar na casa de uns amigos meus. Daí eu fiquei lá até os três meses de gravidez, depois ela foi em casa, pediu pra mim voltar, morar lá, porque lá (na casa dos amigos) eu fiquei com a cabeça confusa, então eu não me alimentava direito, não cuidava, não tava fazendo o pré-natal, nada...*

E você tinha quantos anos?

Sujeito 2: *Eu tinha 15 anos. Daí eu já não tava indo pra escola nada, porque se ia na escola os amigos ficavam cutucando...*

E o que falavam?

Sujeito 2: *“Tá grávida, agora fica ai com filho, não vai ter como estudar” e ficavam falando... E a culpa é sempre da mulher, nunca é também do homem, é sempre a mulher que é culpada.*

E por que você acha que sempre a mulher é a culpada?

Sujeito 2: *Eu não acho isso... eu acho que a culpa é dos dois, entendeu... Porque a criança não pede pra vim no mundo, a mãe com o pai que tem se prevenir, hoje eu vejo isso. A gente tem que se prevenir, mas a mulher depois na hora que aceita pega tudo a responsabilidade, já desde o começo da gravidez dela, ela já começa a mudar a cabeça dela, e o pai não, o pai sempre continua com a liberdade, entendeu... Então a responsabilidade cai tudo na mulher... é a mulher que não tomou cuidado, a mulher que não tomava remédio, que não se preveniu... o homem nunca é errado, sempre é a mulher que é errada. E por parte da família da mulher também, é ela que foi a culpada, nunca ele é o culpado, é sempre assim.*

Você acha que sua vida mudou depois que você engravidou?

Sujeito 2: *Mudou muita coisa... eu acho que eu cresci mais.*

Em que sentido?

Sujeito 2: *Em tudo, sabe... no jeito de ver as pessoas, de conversar com as pessoas, não é todo mundo hoje que (pausa)... eu acho que eu me afastei do mundo, eu não tenho mais contato com as minhas amigas, não saio mais... eu fico 24 horas dentro de casa, não vou no mercado, no mercado eu mando o marido... eu acho que eu me sinto envergonhada de sair na rua, por ser mãe tão nova assim, sabe... das pessoas olhar, comentar, ainda mais por eu tá com uma outra pessoa que não é o pai do meu filho, então eu me sinto constrangida por causa disso.*

Você acha que está preparada para ser mãe?

Sujeito 2: *Ah... pelo cursinho que eu fiz de gestantes eu fui crescendo, sabe, então, se eu to preparada (pausa)... eu não sei dizer se eu to preparada.*

Quais são os planos que você tem para sua vida?

Sujeito 2: *Eu penso em depois que o neném pegar uma certa idade, colocar ele em uma creche e trabalhar e dar tudo pra ele que eu não tive, entendeu... ensinar certinho tudo sobre o que eu não tive, a educação que eu não tive, poder, sabe, dar uma vida pra ele que ele merece... Estudo certinho, o amor dos pais, poder passar pra ele. É esse meu plano.*

SOBRE A SITUAÇÃO ESCOLAR

Em que escola você estudava?

Sujeito 2: *No Marciano.*

Até que ano você estudou?

Sujeito 2: *Até a metade da oitava série.*

Você gosta de estudar?

Sujeito 2: *Eu gostava... eu gostava de ir pra escola porque eu conversava muito com as minhas amigas, sabe... eu sempre fui apegada a elas. Eu era assim, aquela amiga pra todas as horas, entendeu... ajudava elas, era sempre companheira de todo mundo. Nunca tive*

intriga na escola, nada. Só que hoje, se fosse assim... você ia volta a estudar?... não penso mais. Eu acho que eu não to preparada pra entra numa sala de aula, e continuar a prestar atenção nos estudos, sabe. Hoje eu não posso dizer que gosto de estudar, porque eu já não gosto mais, mas na época assim, de antes de eu engravidar e ter minhas gestações eu adorava ir pra escola, não faltava nenhum dia, era tudo em ordem, sempre fui a escola.

E por que você acha que não dá para voltar a estudar? Por que você diz que não conseguiria mais parar e prestar atenção? O que você acha que dificulta isso?

Sujeito 2: O preconceito, porque a pessoa que fica grávida tão cedo, a turma tem muito preconceito, fica falando muito... é porque ela não presta, porque ela não é uma pessoa decente, então você passa e anda na rua e já acha que os outros tá comentando, e geralmente as pessoas mais idosas que tem mais preconceito. Então porque se eu for voltar a estudar eu tenho que fazer o supletivo a noite, e supletivo já é pessoas mais velhas, então são as pessoas que tem mais preconceito, então eu acho que não enfrentaria mais uma sala de aula por causa disso.

Você sente falta da época em que estudava?

Sujeito 2: Muita falta...

E por quê?

Sujeito 2: Porque eu perdi minha infância, né. Oitava série ta na época de curti, queria fazer meus estudos certinho... Sempre tive o sonho de ser enfermeira e morreu tudo isso. A primeira vez que eu engravidei eu já não fui mais a mesma, daí minha cabeça mudou... Eu acho que eu fiquei mais rebelde depois que eu engravidei pela primeira vez.

Por que você acha que ficou mais rebelde?

Sujeito 2: Ah, porque daí nada pra mim tinha mais importância, sabe. As pessoas não tinham mais importância, eu me relacionava com as pessoas, mas não sentia mais nada, eu me envolvia por envolver, sabe... Mas não sentia mais nada como uma mulher assim, já não pensava em levar uma vida de... (pausa) normal ... casar, ter filhos, nada.

Como foi a reação da escola quando você contou que estava grávida?

Sujeito 2: A primeira pessoa que eu falei que estava grávida foi pra minha professora de matemática, que eu era muito apegada a ela, assim, sabe, conversava... Na hora do recreio

ficava na sala de aula estudando com ela, porque eu tinha certa dificuldade em matemática, então eu conversei com ela, daí ela me apoiou, falou que agora minha vida ia mudar, que não era porque eu tava grávida que eu tinha que parar de estudar, que eu podia continuar indo na sala de aula, que chegava um certo tempo eu pegava licença-maternidade, eu poderia levar na escola tudo... Me deu o maior apoio, assim, sabe... só me deu aquele sermão, que eu devia ter prestado mais atenção, só que a mesma coisa de sempre... como se eu só tivesse tido a culpa, entendeu. Só que os meus amigos já num (pausa)... ainda mais os pais deles, assim... Teve uma amiga minha que a mãe dela não deixou mais nem falar comigo, porque falava que eu era uma má influencia.

E as suas amigas, falaram o quê?

Sujeito 2: *Que eu era louca, que eu era doida, que achava que devia tirar, que era muito cedo pra mim engravida... ai... falou tudo, tudo que não era pra mim ouvi, sabe, naquela hora. Não tive o apoio, tive apoio só de uma mesmo, que aquela lá eu vi que era amiga mesmo que o resto era apenas companheiras de escola.*

E os seus colegas homens, falaram o quê?

Sujeito 2: *Ah ficaram rindo (pausa)... Ficaram rindo sim, dando risada mesmo, como que só eu tivesse procurado, sabe, que agora... um chegou até a comentar: aquela lá quando tiver o filho pode chegar e catar viu... falou desse jeito... escrevia bilhetinho, ficava “zuando” ainda ficava um jogando pro outro: “será que eu sou o pai, não... acho que você é o pai”... Passava e ficava ouvindo isso, tirando sarro de você, entendeu?*

E os professores em geral, falaram alguma coisa?

Sujeito 2: *Não... Apoiaram normal, só falaram que achavam que eu não devia parar de estudar porque eu tava grávida.*

A coordenadora falou alguma coisa?

Sujeito 2: *Não... também não falou nada... veio conversar comigo se eu ia parar de estudar, se eu ia continuar estudando, que ela achava que tinha certeza que eu devia continuar estudando, que não era pra mim parar, que eu tinha que ficar com os meus estudos, que isso não ia atrapalhar em nada... falou depois que pega a licença-maternidade e tal, porque quando eu engravidei (a primeira vez) era bem nas férias de dezembro que eu ia ter, daí ela falou: vai dá pra você continuar estudando o ano normal. A turma da escola deu o maior*

apoio, entendeu... a diretora só chamou eu na sala e falou que não queria saber de confusão porque eu ia ter que agüentar muita coisa, e eu sempre fui um pouco estourada, assim, sabe... não agüentava ouvi as coisas e ia tirar satisfação, passava nervoso, daí ela chegou no último mês que eu tava lá, que foi quando eu resolvi sair da escola mesmo... foi porque eu quis brigar na escola, porque eu não tava agüentando mais a pressão... era pressão em casa, pressão na escola, chega uma hora que você não agüenta entendeu, você quer xingar todo mundo, daí eu estourei, comecei a brigar na escola, daí ela chamou na escola e falou que se eu continuasse assim eu ia ter que me retirar da escola, que tava tendo muita queixa também dos pais dos alunos.

Você era a única menina grávida na escola, naquela época?

Sujeito 2: *Na escola eu era a única menina grávida, a única e a primeira que aconteceu na época.*

Por que você parou de estudar?

Sujeito 2: *Porque eu não agüentei a pressão mesmo, não agüentei a pressão na escola. Eu me sentia constrangida né... Como as pessoas são sempre preconceituosas, então eu achava que eu era rejeitada pelos outros porque eu tava grávida e estudando muito nova.*

Tem intenção de voltar a estudar?

Sujeito 2: *Não... Não tenho. Eu penso em arrumar um serviço, porque eu tenho bastante cursinho, sabe... Então o que me atrapalha só é o tempo de estudo, mas todo serviço que eu arrumei sempre foi bom por causa dos cursos que eu tenho.*

Que cursos você tem?

Sujeito 2: *Eu tenho de informática, eu tenho de inglês... Agora eu tava terminando de fazer o de espanhol, mas eu não terminei porque eu engravidei e parei também... Mas o de informática eu tenho completo.*

Você já trabalhou alguma vez?

Sujeito 2: *Já... Em loja e em um mercado.*

E depois da primeira gravidez, que você teve o aborto dos gêmeos, e após o aborto novamente na segunda gestação, você ficou um tempo sem estar grávida e até engravidar agora pela terceira vez, mesmo assim você não quis voltar a estudar?

Sujeito 2: *Não, não quis... eu não andei com as mesmas pessoas de escola, não tinha as mesmas amizades. Depois que eu perdi os gêmeos até tive envolvimento com o mundo errado, sabe... com drogas assim, cheguei até a ter envolvimento com drogas, porque eu fiquei assim completamente chocada, eu ficava dentro de casa eu não sentia mais aquela menina que era pra ficar ali. Já cheguei a sair de casa, não falava pra onde ia, fiquei um mês fora... Foi depois do meu primeiro aborto mesmo... Uma que eu já não aceitava por ter perdido né, que eu queria mesmo, já que engravidou tinha que levar adiante, daí eu perdi e foi aquele baque né... Passei humilhação, depois passei porque perdi, porque todo mundo ficou: “ah, porque ela abortou, ela tomou remédio, ela não perdeu espontâneo”, só os médicos e minha mãe sabem que não foi, porque os médicos quando você chaga lá com o aborto eles fazem os exames pra sabe se não foi provocado.*

Você acha então que a gravidez atrapalhou os seus estudos?

Sujeito 2: *Atrapalhou... Atrapalhou bastante. Não é nem tanto pela escola, mais pelos alunos, pelos pais, assim... dos alunos... e por você mesmo... você se sente superior a eles, sabe... Já não é mais aquela vida pra você levar. A partir do momento que você já engravida sua cabeça muda um pouco.*

Quando você ainda estava estudando, a escola falava alguma coisa sobre métodos contraceptivos, por exemplo, a camisinha ou também como tomar anticoncepcional, etc... Passava algum filme sobre gravidez na adolescência?

Sujeito 2: *Nada, nada. A escola nunca explicou, nunca passou nada disso, nunca falou nada, nunca, nunca. Eu sempre soube assim normal, sabe, porque minha família sempre comentava, então foi assim que eu fui sabendo, mas a escola (pausa)... os professores nunca falaram, nunca mostraram filme, nunca... Nada, nada, nada. Ainda mais quando começou passar na televisão gravidez na adolescência eles nunca comentaram, nunca. A única coisa que eles comentavam na escola era de drogas, isso eles sempre comentaram, mas sobre gravidez na adolescência, de se prevenir tanto pras mulheres quanto pros meninos também nunca falaram. Nunca... nem aquele ciclo de menstruação porque geralmente as pessoas começam a ficar menstruadas na sexta, sétima série... Nunca fizeram isso.*

ANEXO 5

ENTREVISTA – SUJEITO 3

DADOS DA GESTANTE ADOLESCENTE

Data: 03/06/2009.

IDENTIFICAÇÃO DA ADOLESCENTE

1. Iniciais do nome: C. F. G.
2. Data de nascimento: 17/03/1993.
3. Idade: 16 anos.
4. Ordem de gravidez: 1ª gravidez.
5. Naturalidade: Rio Claro.
6. Bairro: Jardim Boa Vista.
7. Cidade: Rio Claro.
8. Tempo da gravidez em meses: 3 meses.
9. **Filhos:** Sim () Não (x)
Quantidade:
Idade:
10. **Estado civil**
() casada () mora com companheiro (x) namora () solteira
11. **Com quem mora?**
() pais, irmãos () cônjuge e/ou filhos () cônjuge, pais e irmãos () sozinha (x) outros
12. **Escolaridade:**
() Ensino Fundamental I (1ª a 4ª série) incompleto – Até série.
() Ensino Fundamental I completo.
() Ensino Fundamental II (5ª a 8ª série) incompleto – Até série.
() Ensino Fundamental II completo.
(x) Ensino Médio incompleto – Até 1ª série.
() Ensino Médio completo.
13. **Trabalha fora?** () Sim (x) Não
Desde quando?

SOBRE A GRAVIDEZ E OS SENTIMENTOS

Você sabe por que engravidou?

Sujeito 3: *Porque eu não usei a camisinha mesmo, mas eu já tava querendo ter.*

Como você se sentiu quando soube que estava grávida?

Sujeito 3: *No começo eu me senti meio constrangida, mas com o tempo eu fui ficando mais feliz, porque se a gente quer um filho a gente tem que ficar feliz mesmo. Agora eu já estou mais sossegada, já converso melhor com a minha mãe.*

Quais foram as reações das pessoas de sua família?

Sujeito 3: *A minha mãe ficou brava, mas ela falou que me ajudava se eu quisesse, que se eu quisesse eu podia continua a morar na casa dela, mas eu preferi alugar uma casa e sair da casa dela, e ela me ajuda sempre quando eu preciso, me apóia.*

E as outras pessoas da sua família, o que disseram?

Sujeito 3: *O meu pai não mora comigo nem aqui em Rio Claro.*

Ele sabe que você está grávida?

Sujeito 3: *Eu acho que sabe, porque minha mãe as vezes conversa com ele, eu acho que ela já deve ter falado.*

Você conversa com ele?

Sujeito 3: *Não...*

Você tem irmãos? Quantos?

Sujeito 3: *Tenho... quatro irmãos, comigo cinco.*

Eles sabem que você está grávida?

Sujeito 3: *Sim...*

E o que eles falaram?

Sujeito 3: *Ah.. eles ajudam assim... dá conselhos... no começo deu conselho pra não ter porque ia dá trabalho, mas agora eles dão conselho pra cuida bem, pra alimenta bem, pra ir no médico...*

O que seu namorado falou quando você contou que estava grávida?

Sujeito 3: *Ah, ele ficou feliz... muito feliz... porque a gente queria desde o começo quando a gente começo a namorar.*

Você recebeu apoio dele?

Sujeito 3: *Sim, não só dele como dos familiares dele também.*

O que mudou na sua vida após a gravidez?

Sujeito 3: *Ah mudou... a rotina né... agora tem ir no médico, vim aqui (referindo-se a Casa da Gestante), to me cuidando mais, to tendo mais atenção nas coisas que tenho que fazer...*

Você acha que está preparada para ser mãe? Por quê?

Sujeito 3: *Não tão preparada, mas um pouco. Porque minhas irmãs quando elas tiveram filho eu que cuidava quando eles eram pequenininhos, então eu já tenho um pouquinho de experiência de cuidar de bebê quando é pequeno, daí eu acho que eu to assim um pouco preparada, mas não bastante. Acho que falta só um pouquinho mais de tempo para eu me acostumar com a idéia de que eu vou ter um filho e me acostumar com ele também... Só falta isso.*

Você tem planos para sua vida? Quais?

Sujeito 3: *Eu tenho... Então, terminar meus estudos e procura um bom emprego.*

SOBRE A SITUAÇÃO ESCOLAR

Em que escola você estudou?

Sujeito 3: *No Chanceler.*

Até que ano você estudou?

Sujeito 3: *Parei no 1º colegial, não terminei.*

Você gosta de estudar?

Sujeito 3: *Gosto sim...*

Sente falta da época em que estudava? Por quê?

Sujeito 3: *Ah, um pouco... Porque na escola a gente tem vários amigos, as pessoas pra tá podendo conversar, agora depois que eu fiquei grávida e saí da escola parece que os amigos ficam meio distante.*

A gravidez influenciou nos seus estudos?

Sujeito 3: *Ah... Um pouco... Porque eu não gosto da escola que eu estudava e era muito longe da minha casa... Então eu não tenho mais vontade de ir... é muito longe também.*

Qual foi a reação da escola diante da sua gravidez?

Sujeito 3: *Eu não falei que tava grávida. Eu saí da escola antes da maioria das pessoas ficarem sabendo.*

Então os professores, coordenadores, diretor e funcionários não ficaram sabendo?

Sujeito 3: *Não... de mim não.*

Mas você não vai comunicar à escola que você ficou grávida e que vai parar de estudar?

Sujeito 3: *Não, porque minha mãe já comunicou a escola que eu to grávida, que não vou mais e já ta tudo certo lá os papéis.*

E suas colegas mulheres, o que disseram?

Sujeito 3: *Ah... Quando eu falo elas nem acreditam, ficam meio bobas...*

E os colegas homens, quais foram as reações deles?

Sujeito 3: *Eles dão conselho... bastante conselho... pra mim não usa drogas, mesmo porque eu não uso... pra mim também não fazer nada de errado assim que possa prejudicar a criança... sempre tão falando.*

Por que você parou de estudar?

Sujeito 3: *Ah, porque eu não gostava muito da escola que eu estava, e tava ficando muito longe da minha casa, e não tinha transporte escolar que pudesse ficar trazendo eu todos os dias para a escola.*

Mas não tem uma escola mais próxima do seu bairro?

Sujeito 3: *Não... Minha mãe foi procurar vaga e não achou.*

Você tem intenção de voltar a estudar?

Sujeito 3: *Tenho... Mas só no meio do ano que vem... pra ter um tempo pra eu cuidar do meu filho.*

Mas e se você conseguir uma vaga em uma escola perto da sua casa, você voltaria a estudar?

Sujeito 3: *Ah, agora não... ainda mais daqui uns meses quando tiver mais tempo de gravidez, com seis, sete mês não dá, porque nesses meses eu vou tá me preparando mais, cuidando mais das coisas que tem que correr atrás, me preocupar mais com ele... Agora fica meio difícil, no meio do ano que vem já dá.*

A gravidez atrapalhou os seus estudos?

Sujeito 3: *Ah, um pouco porque agora eu preciso me cuidar mais, ir atrás das coisas, ter tempo pra ele...*

A escola que você estudava realizava atividades sobre gravidez na adolescência, como palestras, aulas, filmes? O que falavam sobre este assunto?

Sujeito 3: *Falava só na outra escola que eu estudei, no Odilon... Falava que se não usasse camisinha podia engravidar, mas mesmo se usasse corria o risco de engravidar... Falava de remédios, injeção... Mostrava às vezes imagens de bebê, como ele se formava.*

ANEXO 6

ENTREVISTA – SUJEITO 4

DADOS DA GESTANTE ADOLESCENTE

Data: 06/06/2009.

IDENTIFICAÇÃO DA ADOLESCENTE

1. Iniciais do nome: A. O.
2. Data de nascimento: 16/09/1992.
3. Idade: 16 anos.
4. Ordem de gravidez: 1ª gravidez.
5. Naturalidade: Rio Claro.
6. Bairro: Mãe Preta.
7. Cidade: Rio Claro.
8. Tempo da gravidez em meses: 8 meses.
9. **Filhos:** Sim () Não (x)
Quantidade:
Idade:
10. **Estado civil**
() casada (x) mora com companheiro () namora () solteira
11. **Com quem mora?**
() pais, irmãos () cônjuge e/ou filhos (x) cônjuge, pais e irmãos () sozinha () outros
12. **Escolaridade:**
() Ensino Fundamental I (1ª a 4ª série) incompleto – Até série.
() Ensino Fundamental I completo.
() Ensino Fundamental II (5ª a 8ª série) incompleto – Até série.
() Ensino Fundamental II completo.
(x) Ensino Médio incompleto – Até 1ª série.
() Ensino Médio completo.
13. **Trabalha fora?** () Sim (x) Não
Desde quando?

SOBRE A GRAVIDEZ E OS SENTIMENTOS

Você sabe por que engravidou?

Sujeito 4: Não...

Você namorava?

Sujeito 4: *Sim... Fazia 2 anos que eu já estava namorando, e eu usava remédio e aí a gente até pagou um exame que custa por volta de R\$350,00 pra descobri o porquê que eu engravidei... O remédio estava corretamente, então a gente não sabe o que foi, mas o médico disse que de milhares remédios sempre existi um falso né...*

Como você se sentiu quando soube que estava grávida?

Sujeito 4: *Eu demorei pra aceitar por 3 meses... Foi difícil... Mas depois foi passando o tempo e eu fui acostumando, mas demorou um pouco.*

E o que você sentia nesses primeiros meses?

Sujeito 4: *Eu tomo remédio de depressão por causa disso, então pra não ter uma depressão pós-parto o médico já achou melhor prevenir. Quando eu fui descobrir o sexo eu não estava nem aí, e todo mundo feliz... Mas eu só chorava, chorava, chorava... Então eu preciso desse remédio. E eu não sei até quando eu vou ter que ficar tomando esse remédio, mas agora eu já estou melhor.*

Quais foram as reações das pessoas de sua família?

Sujeito 4: *O meu pai não falou nada... Mas a minha mãe falou... ela falou que agora eu vou ter que me esforçar e ter responsabilidade porque não é uma boneca, é um ser humano.*

E os seus irmãos o que disseram?

Sujeito 4: *Tenho uma irmã. Ela também falou que vou ter que ter muita responsabilidade e que tudo vai ser diferente.*

E a família do seu namorado, aceitou?

Sujeito 4: *Aceitou... Aceitou normal... Até porque ele não é tão novo... Mas é novo... Ele tem 21 anos.*

Você recebeu apoio da sua família?

Sujeito 4: *Recebi bastante... Bastante cuidado, bastante carinho... Tudo o que eu tenho hoje foi tudo a mãe dele e a minha mãe que comprou.*

E de seu parceiro, você recebeu apoio?

Sujeito 4: *Ele também chorou, só que ele passou rápido, ele começou a conversar com a neném mais rápido que eu, demorou bastante pra mim aceitar.*

O que mudou na sua vida após a gravidez?

Sujeito 4: *Tudo... Tudo... Liberdade de poder sair e poder voltar a qualquer hora, é... Tudo que se refere a responsabilidade, mas hoje eu já procuro não reclamar de nada, porque Deus sabe o que faz na vida de cada um.*

Você acha que está preparada para ser mãe? Por quê?

Sujeito 4: *Não... Porque eu sou muito nova, antes com cinco, seis meses eu ainda sentia vontade de sair, de ir no Grêmio, mas minha mãe não deixava por causa da barriga... Agora já estou acalmando.*

Que outros planos você tem para sua vida?

Sujeito 4: *Tenho planos pra terminar meus estudos, de fazer faculdade que meu pai sempre me esforçou, pretendo casar em janeiro, comprar um apartamento e construir uma família.*

SOBRE A SITUAÇÃO ESCOLAR**Em que escola você estudou?**

Sujeito 4: *No Batista Leme.*

Até que ano você estudou?

Sujeito 4: *Até o 1º colegial.*

Você gosta de estudar?

Sujeito 4: *Assim, eu não era muito fã. Eu já sou mais pra parte de ciências, que eu sonho, faz tempo já de estudar Medicina, então a minha matéria mais querida era ciências, mas nunca tirava nota vermelha nas outras, nada. Então eu gosto, tirando algumas matérias, como Matemática, Física né...*

Sente falta da época em que estudava? Por quê?

Sujeito 4: *Sinto, porque se não fosse toda a correria eu ia continuar estudando, se não fosse a correria de ficar internada né... Mas não deu certo...*

A gravidez influenciou nos seus estudos?

Sujeito 4: *Sim, influenciou. Eu não comia, só vomitava, então precisava de vitamina pra neném, então como eu não conseguia comer tinha que ser tudo na veia, isso foi até o 4º mês... Então algumas semanas eu tinha que voltar ao hospital outras não. Ai depois do 5º mês eu comecei a comer melhor.*

Qual foi a reação da escola quando você contou que estava grávida?

Sujeito 4: *Eu não contei... Não porque eu não via mais ninguém, mas ai conforme eu ia encontrando no supermercado todo mundo foi vendo minha barriga crescer.*

Então você parou de ir e não contou para a escola?

Sujeito 4: *Não, porque no começo eu não tinha tempo, era uma correria. Eu voltava em casa e ficava dois dias, vomitava e já corria de novo pro hospital.*

Nem a sua mãe foi avisar a escola?

Sujeito 4: *Não, porque ela ficava comigo o tempo todo.*

E ninguém ligou da escola perguntando por que você parou de ir?

Sujeito 4: *Não também.*

Quando você encontrou com suas amigas, o que elas falaram?

Sujeito 4: *Que gostoso... só. Tinha umas que falavam que tinham vontade de ficar grávida... Algumas falaram que eu engravidei porque eu quis pra segura o meu namorado, o que não tem nada a ver, porque aconteceu mesmo, e com isso ele pagou aquele dinheiro pra fazer aquele exame que eu falei, pra não ficarem falando.*

E os amigos homens falaram o quê?

Sujeito 4: *Que eu era louca...*

Por que você parou de estudar?

Sujeito 4: *Por causa das várias interações da gravidez.*

Você tem intenção de voltar a estudar? Quando?

Sujeito 4: *Tenho... Quando eu fizer 18 anos eu vou fazer o supletivo e eu vou conseguir fazer minha faculdade.*

A gravidez atrapalhou os seus estudos?

Sujeito 4: *É... Atrapalhou sim, de certa forma atrapalhou.*

Você lembra quando estudava que tipo de atividade a escola realizava sobre gravidez na adolescência? (palestras, aulas, filmes, etc.)

Sujeito 4: *Falou alguma coisa na 8ª série... A professora de ciências falava de doenças sexualmente transmissíveis e um pouco de prevenção, como usar camisinha.*

ANEXO 7

ENTREVISTA – SUJEITO 5

DADOS DA GESTANTE ADOLESCENTE

Data: 10/06/2009.

IDENTIFICAÇÃO DA ADOLESCENTE

1. Iniciais do nome: J. C. R.
2. Data de nascimento: 12/08/1993.
3. Idade: 15 anos.
4. Ordem de gravidez: 1ª gravidez.
5. Naturalidade: Rio Claro.
6. Bairro: Mãe Preta.
7. Cidade: Rio Claro.
8. Tempo da gravidez em meses: 8 meses.
9. **Filhos:** Sim () Não (x)
Quantidade:
Idade:
10. **Estado civil**
() casada () mora com companheiro () namora (x) solteira
11. **Com quem mora?**
(x) pais, irmãos () cônjuge e/ou filhos () cônjuge, pais e irmãos () sozinha () outros
12. **Escolaridade:**
() Ensino Fundamental I (1ª a 4ª série) incompleto – Até série.
() Ensino Fundamental I completo.
(x) Ensino Fundamental II (5ª a 8ª série) incompleto – Até 8ª série.
() Ensino Fundamental II completo.
() Ensino Médio incompleto – Até série.
() Ensino Médio completo.
13. **Trabalha fora?** () Sim (x) Não
Desde quando?

SOBRE A GRAVIDEZ E OS SENTIMENTOS

Você sabe por que engravidou?

Sujeito 5: *E agora... Não sei...*

O que você acha que aconteceu pra você ter engravidado?

Sujeito 5: *Ah, sei lá né... Eu tinha bebido na hora que eu engravidei.*

Foi a sua primeira vez?

Sujeito 5: *Não. Eu tinha um primeiro namorado, e esse era o segundo.*

E como isso aconteceu?

Sujeito 5: *Ele morava perto da minha casa, daí tinha uma colega que morava lá, e eu freqüentava sempre a casa dela, daí foi onde eu conheci ele.*

Como você se sentiu quando descobriu que estava grávida?

Sujeito 5: *Ah... Senti que tudo ia acabar... Que eu ia ter que parar de estudar, porque minha mãe trabalha, e quem ia olhar o neném.*

Quando você contou para sua mãe que estava grávida, o que ela falou?

Sujeito 5: *Ela me bateu. Eu apanhei grávida de dois meses, daí ela queria que eu tirasse e eu falei que não... Ela ficou muito brava... Aí depois dos cinco meses ela foi se acostumando.*

E o seu pai e as outras pessoas da sua família, falaram o quê?

Sujeito 5: *Ah, quase nada... O meu pai não mora comigo.*

Você tem irmãos? Quantos?

Sujeito 5: *Seis, sete comigo.*

Quando você contou para o seu namorado o que ele falou?

Sujeito 5: *Eu não to mais com ele, mas ele falou que ia me ajudar, e foi conversar com a minha mãe. Falou pra ela ficar despreocupada porque ele ia ajudar.*

Vocês ficaram juntos quanto tempo?

Sujeito 5: *Até os três meses só. Ele tem outra mulher e uma filha com essa mulher. Fazia tempo que eu não via ele... Sexta agora que eu vi ele, e ele falou que vai ajudar, vai dar pensão... Ele não mora mais perto da minha casa, ele mudou.*

Quando você engravidou ele já estava com essa mulher?

Sujeito 5: *Já...*

E você não sabia?

Sujeito 5: *Sabia, só que ele tinha largado dela.*

Ela já estava grávida quando você engravidou?

Sujeito 5: *Já...*

O que mudou na sua vida após a gravidez?

Sujeito 5: *Tudo... Eu parei de estudar né... tudo mudou... as amigas, não saio mais...*

Você acha que está preparada para ser mãe? Por quê?

Sujeito 5: *Acho que não né... Eu tinha muita coisa ainda pela frente... Eu tinha que estudar, arrumar um serviço.*

Você tem planos para sua vida?

Sujeito 5: *Por enquanto não...*

SOBRE A SITUAÇÃO ESCOLAR**Em que escola você estudou?**

Sujeito 5: *José Cardoso.*

Até que ano você estudou?

Sujeito 5: *Até a 8ª série.*

Você gosta de estudar?

Sujeito 5: *Ah, eu gostava né. Agora que eu parei quando voltar vai ser meio difícil, mas vou ter que voltar né.*

Sente falta da época em que estudava? Por quê?

Sujeito 5: *Sinto. Porque eu tinha muitos colegas, agora os colegas se afastou... (neste momento a entrevistada se emociona um pouco, então pergunto se ela gostaria de parar a entrevista, mas ela diz que é possível continuar) porque tudo muda, elas não tem filhos, se divertem, e eu tenho que ficar em casa.*

Você acha que a gravidez influenciou nos seus estudos?

Sujeito 5: *Sim, bastante.*

O que suas amigas falaram quando descobriram que você estava grávida?

Sujeito 5: *Ah, ninguém acreditou, falaram que eu era louca, onde eu tava com a cabeça... Depois que eu parei de estudar, pra falar a verdade, eu não tive muito mais amiga... As minhas amizades foram tudo procurando um rumo, outras amizades.*

E os amigos homens falaram o quê?

Sujeito 5: *Que eu tava louca... Não acreditaram também.*

O que a diretora, a coordenadora, professores, funcionários falaram?

Sujeito 5: *Eu não tive nem muito contato com a diretora... Com a coordenadora também era bem difícil... As professoras só falaram que era pra eu criar juízo. Os funcionários também não falaram nada.*

Por que você parou de estudar?

Sujeito 5: *Ah, porque eu não queria mais ir pra escola, por causa das minhas colegas, eu senti que não dava mais... Eu fiquei com vergonha. Porque pra mim tudo já tinha acabado, não adiantava mais... (se emociona novamente).*

Tem intenção de voltar a estudar? Quando?

Sujeito 5: *Tenho... Eu quero voltar a estudar... Vou fazer supletivo depois que ele nascer e crescer um pouco.*

A gravidez atrapalhou os seus estudos?

Sujeito 5: *Atrapalhou né... Porque no começo eu não tinha mais vontade de estudar, por isso eu parei... com três meses eu já não fui mais.*

Que tipo de atividade a escola que você estudou realizava sobre gravidez na adolescência? Faziam algumas palestras, aulas, filmes, sobre esse tema?

Sujeito 5: *Falava que proibido não é, né, ter relacionamento, mas que é pra usar camisinha, por causa das doenças, da gravidez, pra evitar.*

ANEXO 8

99

Quadro com dados referentes a Gravidez e os Sentimentos das adolescentes grávidas entrevistadas

Categoria	Subtópico		1	2	3	4	5
	Unidade						
(A) Planejamento da gravidez	SIM						
	NÃO			"Eu não sabia como tinha acontecido".		"Não...".	"Não".
	TINHA O DESEJO	"Ah, eu queria engravidar, eu queria ter filhos...".			"Eu já tava querendo ter".		
(B) Causa da gravidez	INDEFINIDA	x					
	NÃO PREVINIU		"Ai... Eu não me preveni, foi assim (...) geralmente na hora lá se acaba esquecendo de tudo né, daí não usei camisinha e também não tomeva remédio".		"Eu não usei a camisinha mesmo".		"Ah, sei lá né... Eu tinha bebido na hora que eu engravidei".
	PREVINIU					"Eu usava remédio e aí a gente até pagou um exame pra descobrir o porquê que eu engravidei".	
(C) Sentimentos sobre a gravidez	POSITIVOS						
	NEGATIVOS			"Péssimo, porque não era esperado. Eu sempre desejei assim... casar, depois ter filho, mas não foi nada disso que aconteceu".			"Ah... Senti que tudo lá acaba... Que eu ia ter que parar de estudar, porque minha mãe trabalha, e quem lá olhar o neném?".
	AMBIVALENTE	"Ah eu gostei sabe, foi ruim fala pra minha mãe e pro meu pai, eu fiquei com vergonha, foi ele que falou...".			"No começo eu me senti meio constrangida, mas com o tempo eu fui ficando mais feliz, porque se a gente quer um filho a gente tem que ficar feliz mesmo".	"Eu demorei pra aceitar por 3 meses... foi difícil... mas depois foi passando o tempo e eu fui acostumando, mas demorou um pouco".	
(D) Reações das pessoas do convívio	FAMÍLIA	"Meu pai falou: Ah, agora vão ter que casar né... vai ter que morar junto...".	"Me julgam até hoje. A minha mãe me ajuda, mas assim, no começo não falava muito comigo, não trocava muita ideia (...). Foi um baque porque minha família tem a tradição de ter filho só depois do casamento".	"Minha mãe ficou brava, mas ela falou que me ajudava se eu quisesse (...) se eu quisesse eu podia continuar a morar na casa dela (...) ela me ajuda sempre quando eu preciso, me ajuda (...). O meu pai não mora comigo nem aqui em Rio Claro".	"O meu pai não falou nada... Mas a minha mãe falou que agora eu vou ter que me esforçar e ter responsabilidade porque não é uma boneca, é um ser humano".		"Ela me bateu. Eu spanhei grávida de dois meses, daí ela queria que eu trasse e eu falei que não... Ela ficou muito brava... Aí depois dos cinco meses ela foi se acostumando (...) o meu pai não mora comigo".
	PAI DO BEBÊ	"Ele ficou feliz e falou: 'agora vai dá pra você ir mora comigo'".	"Ele pediu pra mim tira".	"ele ficou feliz... muito feliz... porque a gente queria desde o começo quando a gente começou a namorar".	"Aceitei normal... Até porque ele não é tão novo... Mas é novo... Ele tem 21 anos".	"Ele falou que ia me ajudar, e foi conversar com a minha mãe. Falou pra ela ficar despreocupada porque ele ia ajudar".	
	AMIGOS	"Ah... você é louca, você é nova, ficar grávida...".	"Que eu era louca, que eu era doída, que achava que devia tirar, que era muito cedo pra mim engravidar (...) Não tive o apoio, tive apoio só de uma mesma (...). Ficaram rindo, ficava 'zuando'... 'será que eu sou o pai, não... acho que você é o pai'".	"Quando eu falo elas nem acreditam, ficam meio bobas (...) dão conselho pra mim não usa drogas, mesmo porque eu não uso... pra mim também não fazer nada de errado assim que possa prejudicar a criança...".	"Que eu era louca... Tinha umas que falavam que tinham vontade de ficar grávida... Algumas falaram que eu engravidei porque eu quis pra segura o meu namorado, o que não tem nada a ver, porque aconteceu mesmo".	"Ninguém acreditou, falaram que eu era louca, onde eu tava com a cabeça... Depois que eu parei de estudar (...) eu não tive muito mais amiga... As minhas amigas foram tudo procurando um rumo, outras 'amizades'".	
	CONTEXTO ESCOLAR	"A minha mãe foi falar: Eu não apareci mais...".	"Apoiaram normal, só falaram que achavam que eu não devia parar de estudar porque eu tava grávida".	"Eu não falei que tava grávida. Eu sai da escola antes da maioria das pessoas ficar sabendo".	"Eu não contei... porque no começo eu não tinha tempo, era uma correria. Eu voltava em casa e ficava dois dias, vomitava e já corria de novo pro hospital".	"Eu não tive nem muito contato com a diretora (...) Com a coordenadora também era bem difícil (...) As professoras só falaram que era pra eu criar juízo (...). Os funcionários também não falaram nada".	
(E) Mudanças decorrentes da gravidez	EXTERNA		"Eu acho que eu me afastei do mundo, eu não tenho mais contato com as minhas amigas, não saio mais... eu fico 24 hrs dentro de casa (...) eu me sinto envergonhada de sair na rua, por ser mãe tão nova assim".	"Ah mudou... a rotina né... agora tem ir no médico, vim aqui (referindo-se à Casa da Gestante)".	"Tudo... Tudo... Liberdade de poder sair e poder voltar a qualquer hora".		"Tudo... eu parei de estudar né... tudo mudou... as amizades, não saio mais...".
	INTERNA	"Tá diferente né... Tá casada é diferente as coisas, não é mais aquela vida de solteira, que sai, bagunça, é diferente...".	"Madou muita coisa... eu acho que eu cresci mais (...) no jeito de ver as pessoas, de conversar com as pessoas".	"To me cuidando mais, to tendo mais atenção nas coisas que tenho que fazer...".	"Tudo que se refere a responsabilidade".		
(F) Maturidade para a função materna	NÃO					"Não... Porque eu sou muito nova".	"Acho que não né... Eu tinha muita coisa ainda pela frente né... Eu tinha que estudar, arrumar um serviço".
	NÃO SEI			"Pelo cursinho que eu fiz de gestantes eu fui crescendo, então, se eu to preparada... eu não sei dizer se eu to preparada".			
	DÚVIDA DE CERTA FORMA	"Eu acho que to, assim... nunca fui, mas deve ser bom (...) eu queria ser mãe porque eu olho meu sobrinho (...) sempre gostei de criança".		"Não tão preparada, mas um pouco. Porque minhas irmãs quando tiveram filho eu que cuidava quando eles eram pequeninhos (...). Acho que falta só um pouquinho mais de tempo para eu me acostumar com a ideia de que eu vou ter um filho e me acostumar com ele também...".			
(G) Perspectiva de vida	NÃO						"Por enquanto não...".
	SIM	"Eu quero voltar a estudar, terminar os estudos...".	"Eu penso em depois que o neném pegar uma certa idade, colocar ele em uma creche e trabalhar e dar tudo pra ele que eu não tive (...) dar uma vida pra ele que ele merece... estudo certinho, o amor dos pais, poder passar pra ele".	"Então, terminar meus estudos e procurar um bom emprego".	"Tenho planos pra terminar meus estudos, de fazer faculdade que meu pai sempre me esforçou, pretendo casar em janeiro, comprar um apartamento e construir uma família".		

ANEXO 9								
Quadro com dados referentes a Situação Escolar das adolescentes grávidas entrevistadas								
Categoria	Sujeito	Unidade	1	2	3	4	5	
(A) Valor atribuído ao estudo/escola	POSITIVO			"Eu gostava de ir pra escola porque eu conversava muito com as minhas amigas (...) Só que hoje (...) não penso mais (...) antes de eu engravidar (...) eu adorava ir pra escola".		"Gosto sim...".	"Assim, eu não era muito fã (...) eu gosto, tirando algumas matérias, como Matemática, Física".	"Ah, eu gostava né".
	NEGATIVO		"Não, mas eu queria terminar (...) quando eu ia pra escola eu faltava mais do que ia".					
(B) Sentimento a respeito do abandono escolar	SOCIALIZAÇÃO					"Na escola a gente tem vários amigos, as pessoas pra tá podendo conversar (...) depois que eu fiquei grávida e sai da escola parece que os amigos fica meio distante".		"Eu tinha muitos colegas, agora os colegas se afastou (...) elas não tem filhos, se divertem, e eu tenho que ficar em casa".
	INTERRUPÇÃO DOS PLANOS DE VIDA		"Ah, eu queria voltar a estudar e ter ficado grávida mais pra frente, mas aconteceu".	"Muita falta (...) eu perdi minha infância (...) sempre tive o sonho de ser enfermeira e morreu tudo isso (...) eu acho que eu fiquei mais rebelde depois que eu engraidei pela primeira vez".			"Sinto (falta), porque se não fosse toda a correria eu ia continuar estudando, se não fosse a correria de ficar internada né (...) Mas não deu certo".	
(C) Causa do abandono escolar	SINTOMAS E CUIDADOS NA GRAVIDEZ					"Eu preciso me cuidar mais (...) nesses meses eu vou tá me preparando mais, cuidando mais das coisas que tem que correr atrás, me preocupar mais com ele... agora fica meio difícil (...) Porque eu não gosto da escola que eu estudava e era muito longe da minha casa (...) Então eu não tenho mais vontade de ir".	"Por causa das várias internações da gravidez (...) Eu não comia, só vomitava (...) tinha que ser tudo na veia, isso foi até o 4º mês (...) algumas semanas eu tinha que voltar ao hospital outras não (...) depois do 5º mês eu comecei a comer melhor".	
	VERGONHA DA GRAVIDEZ		"Eu não estudo grávida não. Tem muita gente que estuda né, mas eu não. Eu tenho vergonha (...) Eu não queria ir pra escola grávida, pra todo mundo ficar dando risada da minha cara".	"A pessoa que fica grávida tão cedo, a turma tem muito preconceito, fica falando muito (...) é porque ela não presta, porque ela não é uma pessoa decente (...) eu acho que não enfrentaria mais uma sala de aula por causa disso (...) não agüentei a pressão na escola. Eu me sentia constrangida".				"Eu não tinha mais vontade de estudar, por isso eu parei (...) eu não queria mais ir pra escola, por causa das minhas colegas (...) Eu fiquei com vergonha. Porque pra mim tudo já tinha acabado, não adiantava mais".
(D) Expectativa de retorno à escola	SIM		"Tenho... Quando nascer e fizer um ano aí eu vou voltar a estudar, fazer supletivo e terminar tudo".			"Tenho... Mas só no meio do ano que vem... pra ter um tempo pra eu cuidar do meu filho".	"Tenho... quando eu fizer 18 anos eu vou fazer o supletivo e eu vou conseguir fazer minha faculdade".	"Tenho... Eu quero voltar a estudar. Vou fazer supletivo depois que ele nascer e crescer um pouco".
	NÃO			"Não... não tenho. Eu pensei em arrumar um serviço, porque eu tenho bastante cursinho, sabe".				
(E) Presença de Educação Sexual na escola	SIM					"Falava só na outra escola que eu estudei (...) Falava que se não usasse camisinha podia engravidar, mas mesmo se usasse corria o risco de engravidar (...) Falava de remédios, injeção (...) Mostrava às vezes imagens de bebê, como ele se formava".	"Falou alguma coisa na 8ª série (...) A professora de ciências falava de doenças sexualmente transmissíveis e um pouco de prevenção, como usar camisinha".	"Falava que proibido não é né ter relacionamento, mas que é pra usar camisinha, por causa das doenças, da gravidez, pra evitar".
	NÃO		"Não, na 7ª série não (...) Falou que ia comentar sobre isso da 8ª série pra frente, sabe (...) Eu tava na 7ª".	"Nada (...) A escola nunca explicou, nunca passou nada disso, nunca falou nada (...) Eu sempre soube (...) porque minha família sempre comentava (...) os professores nunca falaram, nunca mostraram filme (...) A única coisa que eles comentavam na escola era de drogas (...) sobre gravidez na adolescência, de se prevenir tanto pras mulheres quanto pras meninas também nunca falaram (...) nem aquele ciclo de menstruação".				

CinthyA Aparecida da Rocha – orientanda

Prof.^a. Dr.^a. Silvia Marina Anaruma – orientadora

Rio Claro, 21 de dezembro de 2009.